

Rosane Miranda Rodrigues dos Reis

O ACENTO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

controvérsias e perspectivas

BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2006

Rosane Miranda Rodrigues dos Reis

O ACENTO DO PORTUGUÊS DO BRASIL:

controvérsias e perspectivas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: C – Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientador: Dr. Seung Hwa Lee

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos

Dissertação intitulada “*O acento no Português do Brasil: controvérsias e perspectivas*”, de autoria da mestranda Rosane Miranda Rodrigues dos Reis, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dr. Seung Hwa Lee – Fale/UFMG – Orientador

César Augusto da C. Reis - UFMG

Marco Antônio de Oliveira - PUC

Prof. Dr.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 22 de dezembro de 2006.

Gostaria de dedicar este estudo a uma pessoa inesquecível que pude conhecer durante o meu curso de Letras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola. Em diferentes momentos, durante a elaboração dessa dissertação pude sentir sua presença, quase ouvir sua voz. Trata-se um grande professor de Língua Portuguesa, o senhor Lúcio José Gusman (*in memoriam*). Sua inquietação diante dos fenômenos da língua despertou-me desde cedo para a necessidade de rever paradigmas e de buscar sempre um novo jeito de ver o que está preestabelecido.

AGRADECIMENTOS

Desenvolver este trabalho possibilitou-me conhecer os meus limites e principalmente, possibilitou-me redimensionar o meu universo interior, no que respeita as barreiras que eu mesma sempre criei para mim. Duvidar sempre foi uma característica marcante em mim, discordar também. Porém argumentar, nem sempre foi o meu forte, muitas vezes, nas diversas situações de embate de opiniões criadas em ambiente familiar ou profissional, pelas quais tive que passar, mesmo discordando, acabava vencida pela falta de talento para expor meus argumentos. Este trabalho foi então um desafio.

Tive a sorte de encontrar um orientador que sempre me deixou muito à vontade para discordar. Sua orientação sempre pautada no respeito às opiniões divergentes desde que bem fundamentadas, favoreceu momentos de introspecção sem culpa, momentos em que pude discordar até mesmo das idéias por ele defendidas. Foi muito bom poder desfrutar dessa liberdade. Obrigada, Lee, pelas orientações sempre seguras que muito mais que apenas orientações acadêmicas, deram direcionamento também a minha vida.

Envolvida de corpo e mente pelos estudos, muitas vezes deixei de dar atenção aos que mais próximos de mim se encontravam: meus filhos, meu esposo, meu irmão, meus pais... Agradeço-lhes o carinho, a paciência, a disponibilidade para ouvir meus desabafos. Uma pessoa, no entanto, se mostrou uma amiga especial: Obrigada, Vanessa, você sabe bem por quê.

As minhas colegas de trabalho da Secretaria Municipal de Educação de Manhuaçu: Valéria, Cristiane, Ducarmo, Carla, Vininha, Taíza, Gisele e Eliana que também tiveram participação indispensável, pois souberam ouvir e relevar os momentos de *stresse*, que não foram poucos.

Agradeço aos meus alunos e colegas professores da Faculdade de Direito do Leste de Minas, em especial ao meu amigo professor Élio Romeiro Leoni, que por estarem presentes, ajudaram-me a ultrapassar alguns momentos difíceis.

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar viva e de aprender sempre. Foi muito gratificante poder trilhar novos caminhos, sentir a sensação da descoberta quando tudo parecia perdido...
Eu cresci.

“O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas principalmente, nas idéias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila.”

Rui Barbosa

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar, dentro das perspectivas da Fonologia Métrica, as diversas interpretações para a ocorrência do acento primário no Português do Brasil (PB). Ela se divide em três seções principais: o capítulo dois apresenta as teorias subjacentes a cada uma das quatro análises resenhadas no capítulo três, onde são apresentados os estudos já realizados por Bisol (1992), Massini-Cagliari (1995 e 1999), Pereira (1999) e Lee (1995). O objetivo é confrontar vantagens e desvantagens das diferentes abordagens métricas e diferentes posicionamentos para a formulação da regra de acento do PB, assinalando as principais contribuições e lacunas deixadas por cada uma, avaliando o valor fonológico do peso silábico nesta língua, e a sua relevância ou não na atribuição do acento. A partir da visão de cada uma das teorias resenhadas, tem-se no capítulo quatro a assunção de fatores rítmicos e morfológicos para a interpretação do acento nesta língua, e a apresentação de uma proposta alicerçada na interação desses fatores para descrever o fenômeno acentual do PB.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is analyse, in Metrical Phonology perspective, the several interpretations to occurrence of the primary accent in Brazil Portuguese (BP). It is separated amongst three principal groups: the chapter two shows the subjacent theories to every one of four analyses enumerated in the chapter three, where the studies have already developed by Bisol (1992), Massini-Cagliari (1995 and 1999), Pereira (1999) and Lee (1995) are introduced. The intention is compare advantage and disadvantage amongst different metrical approaches and different positions to formulation of Brazil Portuguese's accent rule, it is signaling the principal contributions and vacuum have left by each and all, appraising the phonologic value of the silabic weight in this language and its prominence or no proeminence about accent attribution. As of the vision every one detailed theories, we have in the chapter four the assumption of rhythmical and morphological factories to the explanation of the accent in this language, and the introducing of a proposal is based on interaction of these factories to describe the accentuation phenomenon of the BP.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1. CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS.....	11
2. OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	16
3. HIPÓTESES.....	17

CAPÍTULO II - TEORIA MÉTRICA

1. DEFINIÇÃO DE PESO SILÁBICO.....	21
2. DEFINIÇÃO E NATUREZA DO ACENTO.....	24
3. A FONOLOGIA MÉTRICA.....	29
3.1 LIBERMAN & PRINCE.....	31
3.2 HAYES.....	33
3.3 HALLE & VERGNAUD.....	35
3.4 IDSARDI.....	37

CAPÍTULO III – ESTUDOS SOBRE O ACENTO NO PB

1. A FAVOR DO VALOR FONOLÓGICO DO ACENTO NO PB.....	39
1.1 BISOL.....	39
1.2 MASSINI-CAGLIARI.....	44
2. CONTRA O VALOR FONOLÓGICO DO ACENTO NO PB.....	49
2.1 LEE.....	50
2.2 PEREIRA.....	53
3. SÍNTESE DAS PROPOSTAS DE ATRIBUIÇÃO DO ACENTO PRIMÁRIO NO PB.....	67
3.1 SÍNTESE DA APLICAÇÃO DE CADA PROPOSTA EM TABELA.....	69
3.2 SÍNTESE DAS ASSUNÇÕES E POSTULAÇÕES TEÓRICAS ANALISADAS.....	70

CAPÍTULO IV _ PROPONDO ALTERNATIVA

1. REAVALIANDO OS DADOS DO PB.....	73
1.1 QUANTO AO DOMÍNIO ACENTUAL.....	73
1.2 QUANTO À RELEVÂNCIA OU NÃO RELEVÂNCIA DO PESO SILÁBICO.....	78
1.3 QUANTO À CATEGORIA LEXICAL.....	83

2. PROPONDO ALTERNATIVA.....	84
2.1 PROPOSTA RÍTMICO-MORFOLÓGICA DO ACENTO NO PB (NÃO-VERBO).....	86
2.2 PROPOSTA RÍTMICO-MORFOLÓGICA DO ACENTO NO PB (VERBO).....	93
3. DISCUTINDO OS RESULTADOS.....	97
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS.....	104

1. CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

O acento é um fenômeno bastante polêmico que tem motivado descrições ao mesmo tempo bem feitas e completamente diferentes, o que faz das teorias um campo de possibilidades. Partindo de um ponto comum entre os autores analisados no capítulo III, temos a constatação de que todos assumem que o Português do Brasil (doravante PB) possui apenas três tipos de palavras quanto à acentuação: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Limitação essa, denominada de “Restrição da Janela de Três Sílabas” (Bisol 1992:7). Dessas três possibilidades, as paroxítonas ocorrem com frequência bastante significativa, sugerindo em relação às últimas sílabas da palavra, uma alternância binária, do tipo forte-fraca, isto, porém, não constitui ponto comum entre os autores analisados.

Quanto ao domínio de aplicação da regra de acento, os trabalhos de Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999) postulam que a regra de acento de verbos e não-verbos se aplica no domínio da palavra, ao passo que, os trabalhos de Lee (1995) e Pereira (1999) defendem que a regra de acento do não-verbo aplica-se no domínio do radical derivacional, enquanto a regra de acento do verbo aplica-se no domínio da palavra.

Lee (1995) adotando o modelo de Fonologia Métrica proposta por Hayes (1991), formula regras de acento do não-verbo a partir da seguinte postulação: “a regra de acento do não-verbo aplica-se no domínio do radical derivacional” (Lee 1995:139); Pereira (1999) seguindo as

especificações dos parâmetros métricos estabelecidos no modelo de Isardi, também assume o radical como domínio de atribuição de acento: “é sobre o radical que as regras acentuais se aplicam, ignorando os outros constituintes morfológicos” (Pereira 1999: 134). O fato de a proeminência principal da palavra localizar-se o mais à direita possível do domínio de aplicação do acento sugere uma dominância à direita, na formação dos constituintes prosódicos (pés) – em outras palavras, sugere um pé iâmbico. Consubstanciada nos estudos realizados por Hayes, Pereira (1999:135) afirma que “os sistemas iâmbicos são sempre quantitativos”, e, uma vez que a autora considera que o português não é um sistema de tipo quantitativo, está excluída a hipótese de se tratar de uma língua de ritmo iâmbico. Tal assunção encontra divergência nos estudos realizados por Kager¹ (1995) cujas análises das línguas *Weri* e *Araucarian*, insensíveis ao peso silábico, constroem pés do tipo iâmbico. Pereira (1999:135) assume que “em português, a constatação de ser a acentuação paroxítona (que implica um ritmo final trocaico) claramente maioritária e o reconhecimento de ecos acentuais que afetam as sílabas pares à esquerda da sílaba tônica (resultantes de uma organização trocaica da cadeia pretônica) indicam que o pé básico do português é o troqueu”. Lee (1995) ao estabelecer regras de acento para o não-verbo, assume que “uma vez que o acento primário do português sempre cai numa das últimas três sílabas, a regra é não-iterativa e a direção do *parsing* é da direita para a esquerda, o tipo do pé que será construído pela regra, no nível derivacional, é o iambo”. (Lee 1995: 153).

Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999) consideram a palavra como domínio de acentuação. Como os nomes canônicos, nesta língua, são formados de um radical mais desinências de gênero (marcador de palavra) e número (que nunca são acentuadas), a alternância sugerida é do tipo trocaico.

¹ KAGER, René. *The metrical theory of word stress*. In: Goldsmith, J. A. (ed.), *The hand book of phonological theory*. Cambridge, Ma/Oxford: Blackwell, 367-402.

Massini-Cagliari (1995 e 1999) e Lee(1995) usam a teoria métrica de Hayes para interpretar o acento no Português do Brasil. Ambos distinguem os dados em dois grupos: os não-verbos e os verbos. Para Massini-Cagliari (1995 e 1999), a distinção é importante porque a regra de extrametricidade é aplicada de maneira diferente. Para Lee (1995), a divisão é importante porque, para os verbos, a regra de atribuição de acento aplica-se no domínio da palavra e, para os não-verbos, aplica-se no domínio do radical derivacional. Massini-Cagliari (1995 e 1999) leva em conta o peso silábico, ao contrário de Lee (1995), que acha que o português é insensível à quantidade silábica. Os procedimentos de interpretação levaram Massini-Cagliari (1999) a concluir que os pés métricos do português são trocaicos, ao passo que Lee (1995) chegou à conclusão de que são iâmbicos.

Ambas as possibilidades são teoricamente possíveis, porém, através da leitura dos trabalhos citados no capítulo III, podemos constatar que mesmo uma boa descrição do acento que considere a proeminência à direita na construção do pé básico do PB acaba em algum momento, considerando alternâncias trocaicas (o caso dos não-verbos marcados e dos verbos não-marcados nos trabalhos de Lee, por exemplo). Por outro lado, os trabalhos que apostam no troqueu como pé básico dessa língua nunca são obrigados a considerar alternâncias iâmbicas em qualquer contexto. Esse argumento faz com que deva ser considerado o troqueu como pé básico do PB – a exemplo do que fazem Bisol (1992), Massini-Cagliari (1999) e Pereira (1999): Trataremos desse assunto de forma mais detalhada no capítulo IV.

Outro ponto de desacordo entre os trabalhos resenhados é a consideração da quantidade silábica na construção dos pés. Lee (1995) e Pereira (1999) consideram a quantidade da sílaba invisível à regra de acento no PB. Contrários a essa posição, temos Bisol (1992) e Massini-

Cagliari (1999). Conforme trataremos no capítulo III, Lee (1995:140) argumenta que as regras do português são sensíveis à categoria lexical – havendo diferenças claras entre as regras de acento do verbo e as regras de acento do não-verbo. Assunção com a qual Pereira (1999) concorda. Porém, além de diferenciar verbo e não-verbo, a autora divide as formas não-verbais do português em duas grandes classes: as que possuem marcador de classe e as que não o possuem.² Através dessa classificação, extrai regularidades acentuais que julgamos fundamentais³, uma vez que as formas de cada uma dessas classes manifestam comportamentos diferentes no que respeita a derivação, envolvendo sufixos avaliativos e z-avaliativos⁴. Essa, porém, não é a posição assumida por Bisol (1992:36), que afirma ser o português uma língua sensível à quantidade na atribuição do acento principal da palavra. Massini-Cagliari(1999:127) aceita as evidências apresentadas por Bisol e assume que uma análise que leva em consideração a quantidade das sílabas dá conta muito melhor dos fenômenos acentuais do PB do que uma que não leva.

Seguindo o modelo de Halle & Vergnaud (1987), Leda Bisol (1992) propõe duas alternativas de análise. Na primeira abordagem, o acento é insensível ao peso silábico; na segunda, leva-se

² Outros autores optam por designações que incluem o termo “temático” (vogal temática ou índice temático) que Pereira evita, para realçar as diferenças existentes entre constituintes nominais e a vogal temática, própria dos verbos. Utilizaremos nesta análise a denominação *marcador de palavra*, sugerida por Lee(1995:41), segundo o autor o elemento vogal temática do não-verbo que fica na margem direita do seu domínio é o marcador de palavra e sujeita-se a condição de perifericidade. Diferente da vogal temática que pode não se sujeitar a essa condição de perifericidade, perdendo o estatuto de marcador de palavra.

³ Essa classificação é importantíssima dentro da proposta que iremos apresentar no capítulo IV.

⁴ Pereira (1999) e Bisol (1992) utilizam a noção de sufixo avaliativo e z-avaliativo com objetivos diferentes. Segundo Pereira (1999) as formas cujo radical termina em consoante selecionam preferencialmente o sufixo z-avaliativo, mas podem também selecionar o sufixo avaliativo, enquanto as formas cujo radical termina em vogal selecionam obrigatoriamente o sufixo z-avaliativo. Assim, classifica os não-verbos em duas grandes classes: as formas que possuem marcador de classe e as que não o possuem. Através dessa generalização, consegue dar tratamento homogêneo as oxítonas terminadas em vogal ou consoante, uma vez que tais palavras optam pelo sufixo -zinho (z-avaliativo). Ex: café-zinho; colher-zinha. Esta característica diferencia as paroxítonas não marcadas, que ao terminarem em marcador de classe optam pelo sufixo -inho (avaliativo), recebendo acento na penúltima sílaba, uma vez que o marcador de classe não é portador de acento. Ex.: bol<a>-inha(bolinha). Bisol (1992) utiliza essa noção para justificar a presença da consoante subjacente nas formas não derivadas. Para a autora formas como *café* se comportam da mesma forma que *colher* por possuírem uma consoante subjacente que se realiza nas formas derivadas. Ex.: café/ cafezinho; essa consoante subjacente (caféC) estaria “pesando” a sílaba final das oxítonas terminadas em vogal, justificando o mesmo tratamento dado a formas como *colher*, cujo asterisco é atribuído a última sílaba de rima ramificada.

em conta a sensibilidade quantitativa, sendo esta abordagem considerada pela autora como sendo a mais adequada. O uso da extrametricidade tem grande importância para permitir o bom funcionamento da teoria com os dados do português. Segundo a autora, nos sistemas sensíveis ao peso silábico, não somente a sílaba ou a rima, mas também a consoante final tomada isoladamente pode ser ignorada pelas regras de acento. Na análise unificada de Bisol (1992) a extrametricidade varia dependendo da categoria lexical e do conteúdo do item lexical: no não-verbo é condicionada fonologicamente; no verbo é condicionada morfológicamente. Lee (1995: 150) argumenta que embora tenha conseguido uma generalização para a regra de acento, a análise de Bisol (1992) suscita ainda duas importantes questões: “Por que a extrametricidade do verbo atua diferentemente da extrametricidade do não-verbo?” e se “O uso da extrametricidade morfológica e fonológica ao mesmo tempo é motivado na teoria métrica?”⁵. Para o autor, a análise proposta por Bisol (1992) mostra-se “problemática”. Lee (1995:140) assume que a extrametricidade é dominada pela morfologia e se sujeita à Condição de Perifericidade.⁶

A ciclicidade das regras de acento também constitui ponto polêmico entre os autores resenhados.⁷ Bisol (1992:14) assume que em não-verbos, as regras de acento operam no componente lexical, a partir da primeira regra de formação de palavras, a que introduz a vogal temática e voltam a operar a cada introdução de um novo morfema, durante todo o processo derivativo, como regras cíclicas; em verbos, somente operam quando a palavra está pronta, caracterizando-se como não-cíclicas. Pereira (1999:154) assume que a regra do acento em português não é uma regra cíclica. A identificação do radical derivacional como domínio de

⁵ Segundo Pereira (1999:52) O conceito de ciclo fonológico, desenvolvido por Chomsky e Halle, preconiza a interação entre processos morfológicos e fonológicos, sendo por isso, fundamental em Fonologia Métrica.

⁶ A função da extrametricidade na teoria fonológica é tornar algum elemento invisível no domínio de aplicação da regra. Essa extrametricidade deve se sujeitar à Condição de Perifericidade – o constituinte pode ser extramétrico se e somente se fica na margem designada (direita ou esquerda) do seu domínio. (Lee, 1995:150 apud Hayes, 1991).

⁷ Uma regra cíclica aplica-se depois da operação de cada processo morfológico.

atribuição do acento dá conta do fato de a regra do acento se aplicar uma única vez, depois de criados os contextos derivados (através da operação de um ou mais processos morfológicos). Se não forem criados contextos derivados, a regra se aplica sobre o radical simples. A sua aplicação, no entanto, sucede no mesmo ponto da derivação: antes da inserção do marcador de palavra. Lee (1995:165), porém, assume que a aplicação da regra de acento é cíclica _ quando se cria um novo ciclo prosódico (2º ciclo) pela sufixação, o acento do radical derivacional é apagado e, no novo domínio prosódico (2º ciclo), a regra de acento aplica-se de novo. O autor sugere como alternativa a Condição de Apagamento de Acento (CAA), proposta por Halle e Vergnaud (1987:83), na qual o acento primário do radical derivacional é apagado pela criação do novo ciclo no mesmo domínio prosódico. Parece-nos ser a análise proposta por Pereira (1999) a forma mais prática de se ver o problema da ciclicidade, pois, seja o radical simples ou derivacional, a aplicação da regra do acento faz-se uma única vez e segue um único critério: opera sempre antes da inserção do marcador de palavra.

Como vimos, as análises apontam caminhos diferentes para a interpretação do acento, porém, são igualmente válidas uma vez que bem construídas e teoricamente muito bem fundamentadas. Propor uma alternativa no capítulo IV, a partir das análises confrontadas é alçar vôo, na intenção (pretensão) de somar forças.

2. OBJETIVO GERAL E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O objetivo desta dissertação é de apresentar uma visão geral das diversas abordagens e interpretações para a ocorrência do acento primário no PB e de refletir sobre elas confrontando as divergências existentes nos estudos realizados por Bisol (1992), Massini-

Cagliari (1995 e 1999), Pereira (1999) e Lee (1995), em relação ao domínio de aplicação, sensibilidade ao peso silábico e sensibilidade a categoria lexical, a fim de melhor compreender os princípios que regulam a localização dessas proeminências em português.

No capítulo II temos uma revisão teórica abarcando os principais precursores do estudo do acento dentro da Teoria Métrica, a saber, Liberman & Prince (1977), Hayes (1981), Halle & Vergnaud (1987) e também Idsardi (1992), além da definição de acento, sílaba, rima e peso silábico. No capítulo III apresentamos uma análise dos dados do PB, nos trabalhos de Bisol (1992), Massini-Cagliari (1995,1999), Lee (1995) e Pereira (1999), confrontando abordagens e teorias dentro da Fonologia Métrica. No capítulo IV, de forma bastante introspectiva, na tentativa de visualizar de forma concreta as sugestões das várias abordagens até então sugeridas pelos autores, vamos construindo proposta alternativa de análise do fenômeno acentual no PB. Ao final do capítulo, apresentamos uma proposta de análise que reconhece a interação de fatores morfológicos e rítmicos como perspectiva para a descrição do acento nesta língua. A aplicação das regras será diferenciada segundo a estrutura morfológica de verbos e não-verbos, porém, o domínio acentual será o mesmo: a palavra. O troque silábico, assumido como pé canônico no PB, será o norteador do pouso do acento em alternância com fatores morfológicos, estes incidirão em maior grau sobre verbos e, os fatores de informação rítmica sobre os não-verbos, determinando a localização do acento. No capítulo V, temos a conclusão deste trabalho, que por enquanto, encerra nossos estudos.

3. HIPÓTESES

Alguns fatos têm servido de argumento para uma análise quantitativa do sistema acentual do português, permitindo que se coloque a hipótese de que seja esta língua um sistema quantitativo. Segundo Pereira (1999:100), os fatos que fundamentam essa hipótese são

basicamente dois: a) a grande maioria das palavras terminadas em consoante, vogal nasal ou ditongo recebe o acento na última sílaba; b) a existência de uma sílaba com núcleo ou rima ramificados na última ou penúltima posição da palavra limita o acento a uma janela de duas sílabas.

Somos levados a crer, a princípio, que no PB o peso silábico é um fator relevante no posicionamento do acento, haja vista a incidência maioritária do acento sobre a última sílaba quando esta tem núcleo ou rima ramificado. Porém, uma segunda análise nos mostra que embora a probabilidade seja grande, este não é um fator passível de generalidade, pois são evidentes as formas cuja estrutura silábica não corresponde ao posicionamento do acento, comprometendo uma abordagem quantitativa. “Nos sistemas acentuais sensíveis ao peso silábico, a posição fraca de um pé nunca pode conter uma sílaba pesada, o que equivale a dizer que todas as sílabas pesadas são cabeça de um pé métrico, logo, são acentuadas” (Hayes) o que não ocorre no PB de forma generalizada.

Ao contrário disso, no PB percebe-se que:

“(…) não existe relação direta entre a estrutura silábica e o acento, uma vez que: i) numa forma nominal com desinência, a penúltima sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja; ii) numa forma nominal sem desinência, a última sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja; iii) nas formas verbais, não é possível estabelecer qualquer relação entre estrutura silábica e acento.” (Pereira 1999:103)

De fato a diferença parece estar na presença ou ausência da desinência, uma vez que o que temos de geral e indiscutível é que nos não-verbos, “o marcador de palavra nunca fica na sílaba tônica” (Lee 1995:157) o que constitui um dado importantíssimo de generalização. Ao lado desse dado, temos a constatação de que nos verbos, a primeira vogal após o radical, isto é, a vogal temática (VT) apresenta-se como local mais provável para o pouso

do acento, embora este possa cair também na vogal do radical ou nas flexões. Diante disso, iremos sustentar esta análise considerando a diferença na estrutura morfológica das palavras como direcionador da aplicação das regras de acento. Ou seja, consideraremos a estrutura subjacente de verbos e não-verbos como contexto de diferenciação lexical; e a estrutura de superfície como contexto de unidade lexical. Tentaremos mostrar que na superfície, verbos e não-verbos têm como local de pouso do acento a penúltima sílaba da palavra, dando a língua o seu ritmo característico; na estrutura subjacente, porém, atua o fator morfológico, que direcionará o acento de verbos e não-verbos segundo suas especificidades. Nos não-verbos a presença/ausência do marcador de palavra determinará a escolha do fator que irá atuar na posição do acento; e nos verbos o acento será direcionado seguindo os paradigmas que são próprios dessa categoria lexical. Assim o fator morfológico estaria agindo em alternância com o ritmo, incidindo ora em maior, ora em menor grau sobre verbos e não-verbos do PB. Iremos sustentar a tese de que o fenômeno acentual dessa língua é insensível ao peso silábico, sendo condicionado por fatores rítmicos e morfológicos, e não quantitativos, como uma primeira leitura nos levaria a supor. Nosso maior argumento consiste na incidência de palavras paroxítonas no PB, o que confere a língua um ritmo bastante característico. Outra observação importante aponta para a tendência de tornar paroxítonas as poucas proparoxítonas existentes na língua, o que mostra uma tendência a adequar a língua a seu ritmo natural. Também a formação de novas palavras no léxico português, que nunca gera palavras proparoxítonas, aponta para uma irregularidade total desse tipo de palavras, ao lado de uma irregularidade parcial das oxítonas, que embora não correspondam ao ritmo canônico da língua, justificam-se morfológicamente, sendo portando, parcialmente regulares, tendo sua estrutura como modelo recorrente na gramática internalizada do falante nativo, que gera palavras oxítonas. Ainda como relevante dado a favor de uma abordagem rítmica, temos a própria origem da

língua, uma vez que o latim é uma língua de sistema trocaico, tendo o PB mantido a sílaba tônica original na maioria dos casos, como nos afirma Pereira (1999:135). Sendo assim, assumiremos a palavra como domínio acentual para verbos e não-verbos no PB, sendo a aplicação das regras de acento condicionadas a estrutura morfológica das palavras. Consubstanciados nas análises já realizadas por Bisol (1992), Lee (1995), Pereira (1999) e Massini-Cagliari (1999) apresentaremos proposta de análise para o acento, dentro do modelo métrico de grades e constituintes proposto por Halle & Vergnaud(1987).

1. DEFINIÇÃO DE PESO SILÁBICO

Tomaremos a sílaba⁸ como resultado do movimento de contração e relaxamento muscular, que somado ao aparelho respiratório, permite que sejam expelidos pequenos jatos de ar, que irão constituir a base de uma sílaba. Cada sílaba terá como núcleo uma vogal que poderá ser precedida (onset) ou seguida (rima) por uma ou mais consoantes ou outra vogal ou vogais (glide) que irão se realizar como semivogais. Porém o núcleo da sílaba será sempre preenchido por uma vogal, sendo este núcleo o portador do acento.

O peso silábico será então interpretado segundo o peso relativo das sílabas: são pesadas as sílabas que tiverem duas posições preenchidas na rima, e leves as que tiverem apenas uma posição preenchida na rima⁹.

Fazendo um breve histórico da língua portuguesa, Massini-Cagliari (1999:16) registra que o latim clássico passou por importantes transformações quanto à atribuição do acento, nem sempre se pautando pelas mesmas regras. A princípio, o acento era atribuído segundo a duração ou peso¹⁰ da penúltima sílaba: sendo esta longa (pesada) era pouso para o acento;

⁸ Cristófaru (2001) adota a noção de sílaba descrita em Abercrombie (1967) que explica a sílaba em termos de mecanismo de corrente de ar pulmonar. Esta nos parece ser uma interpretação bastante pertinente

⁹ As consoantes do onset não licenciam mora, portanto não interferem no peso da sílaba.

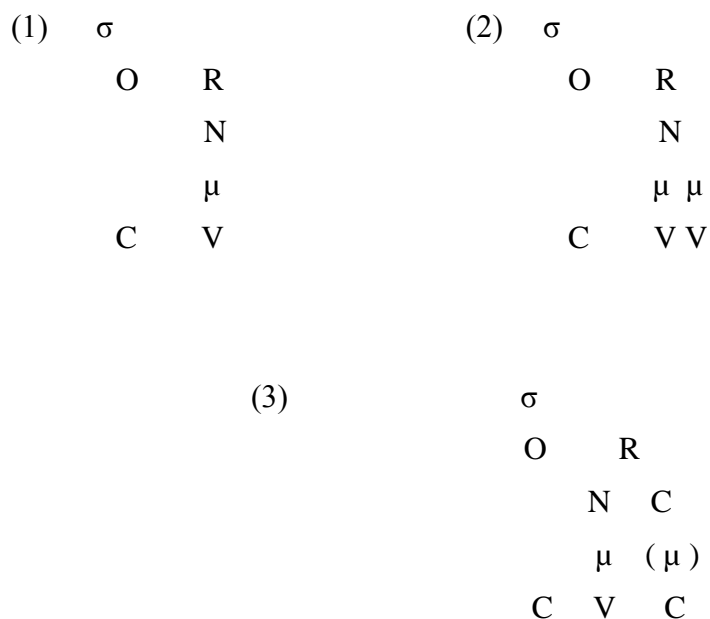
¹⁰ As sílabas pesadas identificam-se com aquelas em que não há redução vocálica. São, por isso, sílabas pesadas em português: a) as sílabas acentuadas; b) as sílabas átonas com rima V +l(ex.: selvagem); as sílabas átonas com rima V+N (ex.: sentar); d) as sílabas átonas com núcleo V+y/w (ditongos: saíote); e) as sílabas átonas com vogal aberta (ex.: pregar, ganhar, corar) (LÜDTKE 1953)

sendo breve(leve), o acento se deslocava para a antepenúltima sílaba da palavra. Assim, as únicas janelas possíveis para o acento eram a penúltima ou a antepenúltima sílaba, com exceção dos monossílabos, que pela sua estrutura não podiam seguir este padrão. Do latim clássico ao latim vulgar poucas foram as modificações. Porém a autora registra uma mudança bastante significativa neste quadro, ao analisar textos escritos em galego-português, quando são registrados apenas oxítonos e paroxítonos, sendo raríssimos os proparoxítonos, resultado de empréstimos e termos técnicos, encontrados geralmente nos textos em prosa, ficando registrada uma importante alteração de ordem rítmica na língua, do latim clássico ao português arcaico e, deste, ao atual.

Pode-se, então, analisar a noção de peso silábico de duas maneiras: fazendo distinção fonológica entre segmentos longos e breves, ou simplesmente observando se uma determinada seqüência de segmentos atrai ou não o acento. No PB parece ocorrer uma tendência a serem oxítonas as palavras terminadas em consoante e de serem paroxítonas aquelas terminadas em vogal. Isso faz com que a aceitação de uma teoria que interpreta o valor atrativo do peso silábico como fator relevante na atribuição do acento seja a princípio, a melhor interpretação para o fenômeno.

Nessa ótica, as sílabas terminadas por consoante, ditongo ou vogal nasal atrairiam naturalmente para si o acento sendo, portanto, sílabas pesadas e tônicas. Assim, encontrar-se-ia justificada a tendência natural da língua portuguesa de enxergar como paroxítonas a grande maioria das palavras que constituem o seu léxico, deixando para as oxítonas e proparoxítonas um percentual de ocorrência bastante reduzido, resultado de empréstimos das várias línguas que ajudaram na sua composição.

O fato é que as línguas que consideram relevante a quantidade silábica precisam definir critérios para classificar as sílabas em leve ou pesada. Nos exemplos 1,2 e 3 temos diferentes possibilidades de se estruturar a sílaba, sendo esta considerada leve ou pesada caso licencie uma ou duas moras respectivamente.



O exemplo 1 é universalmente considerado como sílaba leve, pois tanto a rima como o núcleo apresentam apenas uma mora (monomoraica); o exemplo 2 é universalmente visto como sílaba pesada, uma vez que rima e núcleo realizam duas moras (bimoraica); porém, o exemplo 3 apresenta uma sílaba do tipo CVC, com um elemento no núcleo e dois elementos na rima, sendo portanto interpretada como monomoraica ou bimoraica, dependendo dos critérios estabelecidos pela língua em questão, que pode considerar para a classificação do peso da sílaba a rima ou o núcleo. Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999) interpretam as sílabas do tipo CVC como bimoraicas. Esta assunção é percebida na formulação da regra de atribuição de acento primário postulada por Bisol (1992:34): “atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.e, sílaba de rima ramificada.” Porém, Massini-Cagliari(1999:129) considera para a

classificação do peso silábico o núcleo, ao propor uma explicação para as formas /pomar/ e /kafec/: a autora postula que a última vogal dessas palavras ocupa duas posições no núcleo da sílaba, sendo portanto bimoraica.

No PB o peso silábico ora parece atrair acento, ora parece não influenciar tal marcação, pois ao lado das palavras cuja sílaba final travada atrai acento, estão tantas outras que têm o acento desviado para a sílaba imediatamente anterior, mesmo sendo a sílaba final pesada. De outro lado, temos palavras terminadas em sílaba aparentemente leve, que no entanto, atraem o acento. Mesmo o critério de classificação da sílaba em leve ou pesada parece oscilar, ora rima ora núcleo. Dessa forma, uma análise quantitativa para atribuição de acento, utilizando como critério o peso relativo das sílabas para tratar os casos não-marcados do PB é a princípio pertinente, mas se desconstrói frente aos casos marcados do português, ou seja, as proparoxítonas ('CVCVCV), as paroxítonas terminadas em consoante ou ditongo (CVC) (CVV), e as oxítonas terminadas em vogal (CV).

2. DEFINIÇÃO E NATUREZA DO ACENTO

A palavra “acento” na gramática normativa assume significado bastante específico. Trata-se do diacrítico colocado sobre as vogais tônicas das palavras, que diferencia a sílaba em questão das demais, pela intensidade com que deve ser pronunciada. Por ser uma convenção do nosso sistema de escrita, obedece a certas regras que também focalizam a forma gráfica da palavra.

Porém a Lingüística, enquanto ciência, não se preocupa com o aspecto gráfico de uma determinada língua, e sim, com sua estrutura e funcionamento. Assim, a palavra “acento” em Lingüística tem mais a ver com o termo “tonicidade” da gramática normativa, quando são

classificadas as palavras com base na posição de suas sílabas tônicas e átonas, do que com o termo “acento” enquanto sinal gráfico.

O acento gráfico é, portanto, diferente do acento de intensidade. Embora nem todas as palavras sejam graficamente acentuadas, todas com exceção de alguns monossílabos átonos, apresentam em suas sílabas certa alternância quanto ao grau de intensidade com que são emitidas. Câmara Júnior (1968) assume que “acento é a maior intensidade (acento de intensidade ou ICTO) ou a maior altura (acento de altura ou TOM) com que a emissão de uma sílaba se opõe às que lhe ficam contíguas numa enunciação”. Assim, cria-se um contraste na emissão das sílabas, permitindo-lhes a classificação em tônicas e átonas, conforme sua força, ou não-força, respectivamente.

O acento permite ainda a divisão das línguas em dois grandes grupos: línguas intensivas ou de ictos; e ainda, línguas tonais ou de altura. O português, apesar de ser uma língua intensiva, utiliza os adjetivos “tônico” (derivado de tom) e “átono” (sem tom) para as sílabas que têm, ou não, acento, respectivamente. Segundo Câmara Júnior (1968) essa denominação tem origem na gramática do grego, que era uma língua tonal. A mesma origem, justificaria a denominação dos compostos OXÍTONO (“tom agudo”), PAROXÍTONO (para – “ao lado de”), PROPÁROXÍTONO (pro- “antes”) para classificar os vocábulos portugueses pela posição do acento.

Feita a diferenciação entre acento gráfico e acento de intensidade, faz-se necessário também diferenciar acento fonético e acento fonológico. A fonologia pode, a partir da estrutura da palavra, prever onde irá pousar o acento em determinada palavra, o que foneticamente pode não se realizar, uma vez que a fonética depende diretamente da estrutura rítmica da fala e

indiretamente da estrutura fonológica, com relação ao acento. Assim, o acento fonológico e o acento fonético podem não coincidir em determinados contextos, principalmente quando a frase é longa. Cagliari (1999:34) analisa as seguintes frases:

(1)a. A casa caiu.

b. A tua casa azul caiu como todas as casas velhas.

Em (1a) as sílabas *ca* de *casa* e *iu* de *caiu* recebem acento fonológico e fonético, porém, em (1b) as mesmas sílabas de *casa* e *caiu* perdem a tonicidade em função da realização da fala e do ritmo, apresentando-se como foneticamente átonas. O contrário também acontece, palavras átonas podem se realizar como tônicas em determinados contextos, para representar a atitude do falante naquele momento de fala.

(2) a. Não foi a casa, foi o barracão que caiu.

O artigo *o* tirou o acento de *foi*, que o antecede, ficando com o acento frasal. Isto porque, foneticamente, temos o acento se realizando enquanto resultado da entoação dada às palavras na frase segundo a intenção do falante de destacar esta ou aquela palavra¹¹.

Também a sintaxe e a semântica se preocupam em analisar o fenômeno do acento. Observe os exemplos a seguir:

(3)a. Pedro/ gosta de bala de coco. (Quem gosta de bala de coco?)

b. Pedro gosta/ de bala de coco. (Pedro não gosta de bala de coco?)

c. Pedro gosta de bala/ de coco. (Pedro gosta de bala?)

¹¹ Foneticamente, o acento sempre foi visto como uma realidade da sílaba e raramente como apenas das vogais. Os foneticistas costumam distinguir dois tipos básicos de acento: o acento de sílabas e o acento de frases. Este último é o que aparece com a noção de sílaba tônica saliente e é realizado pela variação melódica da fala. O acento de sílabas costuma ter como correlato físico a duração, na grande maioria das línguas. Mais raramente seu correlato físico típico é o volume ou a altura melódica. Muito frequentemente, variações de volume e de altura melódica coocorrem com a variação da duração. Quando se dizem palavras isoladas, o grupo tonal reduz-se às dimensões das palavras, e o acento de sílaba se confunde com o acento frasal. Por esta razão, estudar o acento de palavras pronunciadas isoladamente não é uma boa técnica fonética. Cagliari (1993:12)

Nos exemplos acima, o acento rítmico, marcado pela entonação e pelo destaque que se dá a uma ou outra palavra na frase, muda em função do alvo da pergunta/resposta. Em (a) temos uma pergunta direcionada a um sabor específico de bala, e uma resposta que não descarta a possibilidade de outros sabores também serem apreciados por Pedro. O foco da resposta é o nome “Pedro” topicalizado em razão do “Quem” que foi o alvo da pergunta. Em (b) temos o questionamento assentado numa negativa, que tem como alvo o verbo gostar. A resposta destaca o verbo como centro, através da acentuação. Em (c) temos uma pergunta centrada na palavra “bala” que não vem especificada. Porém a resposta especifica o sabor e o destaca do restante da frase, dando a impressão de que apenas bala “de coco” seria resposta verdadeira para a pergunta “Pedro gosta de bala?”.

Se quiséssemos continuar a formular perguntas e respostas alterando a entonação e o acento das palavras na frase, teríamos ainda uma significativa gama de possibilidades, porém não é esse o nosso objetivo. Uma análise assim, pautada na realização fonética não é interessante para os estudos lingüísticos devido à dificuldade de um tratamento estatístico para o acento, que ora pode incidir sobre uma determinada palavra, ora sobre outra, muitas vezes deixando átonas na realização fonética, sílabas que seriam acentuadas caso as palavras fossem pronunciadas noutro contexto.

Um estudo fonológico do acento é, portanto, mais adequado aos nossos objetivos. Fonologicamente, o acento não é resultado de pronúncia, mais sim, de uma regra estrutural, o que possibilita (quase sempre) delimitar onde deve cair o acento. Com exceção é claro, daquelas palavras cuja estrutura não permite prever o acento, como é o caso dos pares opositivos fábrica/fabrica, em que a justificativa para a ocorrência do acento de função

distintiva precisa considerar o aspecto morfológico das palavras em questão (subst. /verbo). Traço, aliás, que diferencia a maioria dos pares opostos formados por proparoxítonas e paroxítonas (dúvida/duvida; clínica/clinica), exceto secretária/secretaria que pertencem à mesma classe gramatical e têm o acento como traço distintivo.¹²

Como vimos a acentuação (atribuição de saliência fônica) é um fenômeno bastante amplo, presente nos diversos níveis da gramática: na fonética, na fonologia, no léxico, na sintaxe (topicalização), na semântica (foco), permitindo diferentes interpretações.¹³

Os modelos fonológicos mais recentes (não-lineares) têm definido “acento” como uma relação de proeminência entre sílabas: as mais proeminentes são as tônicas ou acentuadas e as menos proeminentes, as átonas. Na fonologia métrica, o acento é visto como o resultado de um jogo de proeminências entre os constituintes métricos: sílabas, pés, etc. e a alternativa fornecida pelo modelo métrico paramétrico é de estabelecer as estruturas possíveis dos constituintes métricos e a localização do acento a partir da segmentação (*parsing*) das palavras nesses constituintes.

Embora não seja possível estabelecer uma regra simples e geral que dê conta da atribuição do acento em português, tem-se buscado a solução de muitas formas em diferentes teorias. O resultado trouxe uma série de propostas diferentes. Parece-nos, no entanto, ser a Fonologia Métrica o modelo mais adequado, dentro dos nossos objetivos, para tratar os fenômenos acentuais, sendo este o modelo que irá pautar o nosso trabalho.

¹² Ver Silva(2001).

¹³ A fonêmica (Pike, 1947) interpreta o acento como um fonema (do tipo supra-segmental). Trata-se de uma unidade abstrata como qualquer fonema e serve para distinguir significados lexicais de palavras. A fonologia gerativa (Chomsky & Halle, 1968) interpreta o acento como sendo um dos elementos que podem integrar a formação de uma vogal, como um traço distintivo. A fonologia métrica (Liebermann & Prince, 1977) trata o acento como um fato pertencente à sílaba. (Cagliari, 1999:12)

3. A FONOLOGIA MÉTRICA

Desde a sua criação por Liberman e Prince, no final da década de 70, a fonologia métrica tem se desenvolvido em várias direções. A que podemos chamar de versão *standard* da teoria teve a sua elaboração na tese de Hayes (1980), em que uma grande variedade de línguas foi submetida a uma análise consistente e detalhada. Data desse trabalho a preocupação com a construção de uma teoria paramétrica do ritmo.

Seguiu-se a esse trabalho a polêmica “só árvore”/ “só grade”. O defensor maior da posição “só grade” (*grid-only*) é Prince (1983), trabalho que propõe o abandono das representações arbóreas, uma vez que, para o autor, as grades seriam mais representativas dos fenômenos rítmicos, explicando melhor a ocorrência de fenômenos como os que chamou de “regra rítmica”, por exemplo. O outro lado – os defensores das representações arbóreas (*tree-only*) – teve como principal expoente Selkirk (1980, 1984), cujo trabalho veio dar origem a uma nova teoria fonológica – o modelo prosódico, que também tem como teorizadoras Nespor & Vogel (1986).

A um terceiro momento no desenvolvimento da teoria métrica é o que se assiste com os trabalhos de Halle & Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990), Visch (1990), Haraguchi (1991) e Hayes (1995). Esses pesquisadores reúnem as evidências dos defensores dos dois lados da polêmica acima referida, tanto a favor das representações em grade, como a favor das representações arbóreas rotuladas, e, ao mesmo tempo, mostram que a consideração de constituintes hierarquizados é necessária a qualquer abordagem do acento – visão que compartilham com a teoria métrica padrão. Reúnem as vantagens dos dois tipos de representação em uma única: a representação através de grades parentetizadas (*bracketed*

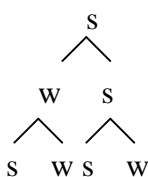
grids). Porém, o mais importante, nesse momento da teoria, não é a representação em si, mas sim a sustentação de uma teoria de princípios e parâmetros, com maior poder explicativo e de cunho muito mais globalizante. Segundo Massini-Cagliari (1999) o modelo teórico adotado por Hayes (1995) é o que melhor consegue, no quadro da fonologia métrica, formular uma teoria *paramétrica* do acento.

Atualmente, assiste-se ao desenvolvimento de mais uma teoria fonológica: a Teoria da Otimalidade (*Optimality Theory*), que elimina as regras do aparato formal e privilegia a existência de restrições sobre o *output*. Lee (2006) numa nova proposta de interpretação do fenômeno acentual do PB assume a interação de fatores prosódico/rítmicos e morfológicos para a descrição do acento e apresenta uma análise unificada do acento primário do português à luz deste novo modelo teórico.

Nossa proposta de análise do acento também se pauta na assunção de fatores rítmicos e morfológicos em interação, porém nossa abordagem é construída dentro da formalização de grades e constituintes proposta pela Fonologia Métrica por acharmos que esta abordagem dá conta de evidenciar no gráfico fatores de interação rítmica (forte/fraco) descrevendo melhor o troqueu.

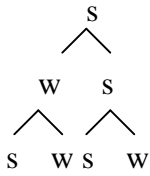
Numa rápida comparação das propostas, objetivando avaliar a evolução da Fonologia Métrica, do gráfico arbóreo ao modelo grade com constituintes, tem-se:

- (1) a – árvore (Lieberman e Prince, 1977)



passatempo

b - árvore e grade (Lieberman e Prince, 1977)



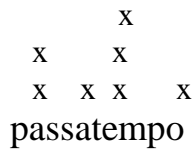
passatempo

1 2 3 4

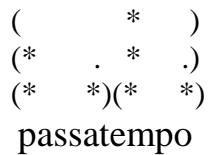
5 6

7

c- só-grade (Prince, 1983)



d- grade com constituintes (Halle e Vergnaud, 1987)



Nossa proposta utilizará como referencial o modelo teórico “grade com constituintes” nas versões apresentadas por Halle e Vergnaud(1987).

3.1 LIBERMAN & PRINCE

Em meados dos anos 70, uma inovação teórica importante para tratar do fenômeno “acento” foi introduzida por Liberman (1975) e por Liberman e Prince (1977) – a Fonologia Métrica -, que se baseia na idéia de que uma teoria acentual deve demonstrar que há características do

acento que o tornam um fenômeno fonológico diferente dos outros, devendo essa diferença ser extensível aos mecanismos teóricos próprios para a sua análise.

Na teoria métrica, o acento é visto como uma propriedade que reflete uma relação entre elementos, não como uma propriedade dos segmentos individuais. As relações de proeminência entre elementos são representadas num objeto formal – a árvore métrica. Essas relações de proeminência resultam da forma como os elementos se agrupam em constituintes numa árvore métrica de ramificação binária e da relação forte/fraco definida entre pares de nós-irmãos integrados na árvore.

Através da etiquetagem forte/fraco, a árvore exprime o carácter relacional do acento, uma vez que um nó só é forte pelo fato de ser o nó-irmão¹⁴ de outro que é fraco. Cada uma destas etiquetas não tem valor por si, apenas o tem na relação que mantém com a outra. Como o acento é sempre uma relação entre nós, nunca poderá haver mais do que um elemento com acento principal, apenas aquele que é exclusivamente dominado por nós fortes dentro do constituinte.

Esta representação dos padrões acentuais dá adequadamente conta das distinções entre acentuado/não acentuado. No entanto, há aspectos não relacionais do acento de que a árvore de ramificação binária com nós etiquetados não dá conta. Os monossílabos, por exemplo, não podem ser acentuados através de uma etiquetagem interna, recorrendo-se, para isso, a uma especificação de [+/- acento]. Esta solução, que envolve informação exterior à árvore, não é satisfatória, uma vez que é objetivo da teoria métrica incluir no formalismo toda a informação relevante sobre a proeminência.

¹⁴ Chama-se *nó* o ponto de partida de dois ramos num diagrama em árvore. *Nós-irmãos* são aqueles que são dominados pelo mesmo *nó*. (PEREIRA op. cit., p 20)

Em trabalhos posteriores é eliminado o traço [+/ - acento], a favor de categorias prosódicas (sílabas, pé, palavra prosódica). Dentre estas categorias prosódicas, o *pé* tem uma importância fundamental, porque tem uma função semelhante à do traço de acento. As sílabas que constituem *cabeça* de um pé (o elemento mais forte ou único elemento do pé) são acentuadas. Os monossílabos são constituídos por um único pé métrico que, por sua vez, é constituído apenas por uma sílaba. Essa sílaba é a cabeça do pé de que faz parte, sendo, por isso, acentuada. Esta revisão do modelo dá-lhe uniformidade: toda a informação relevante sobre a proeminência está incluída na representação arbórea.

3.2 HAYES

É com Bruce Hayes (1981,1995) que a teoria métrica ganha um estatuto de teoria universal do acento. Sua contribuição consiste basicamente na redução das opções descritivas da teoria, mostrando que um número limitado de parâmetros binários é suficiente para descrever adequadamente a maioria dos sistemas das línguas naturais.

Um dos parâmetros diz respeito aos tipos de pés, que podem ser *limitados* (binários) ou *ilimitados* (n-ários). Hayes elimina do seu inventário os pés ternários, tidos em consideração por outros autores, recorrendo a um mecanismo originalmente formulado, por Liberman e Prince – a extrametricidade. Hayes enriquece este conceito e faz dele um uso que lhe permite algumas simplificações fundamentais da sua teoria (como, por exemplo, a redução do inventário de pés).

O conceito de extrametricidade baseia-se na afirmação de que, em algumas seqüências, certos segmentos não são tidos em consideração para fins de atribuição de estrutura métrica, o que

equivale a dizer que um segmento extramétrico é ignorado pelas regras de atribuição de acento. Hayes restringiu ao máximo esta noção, propondo condições de aplicação da extrametricidade. Assim: Só constituintes (segmentos, sílabas, pés, palavras fonológicas, afixos) podem ser marcados como extramétricos; um constituinte só pode ser extramétrico se se encontrar num limite determinado (direito ou esquerdo) do seu domínio; uma regra de extrametricidade é bloqueada se tornar extramétrico todo o domínio de atribuição das regras de acento. Estas restrições tornaram mais operacional tal mecanismo.

Um segundo parâmetro da teoria acentual de Hayes é o parâmetro de *dominância*, que fixa a direção da ramificação, determinando indiretamente o lado em que se localiza a sílaba proeminente de um pé. Os pés podem ser *dominantes à esquerda* ou *dominantes à direita*, o que significa que têm a cabeça (nó etiquetado forte) à esquerda ou à direita, respectivamente.

Outro parâmetro importante do modelo é o da *sensibilidade ao peso silábico*, segundo o qual as regras de construção dos pés podem ser sensíveis ou insensíveis à quantidade das sílabas. Nos sistemas acentuais sensíveis ao peso silábico, a posição fraca de um pé nunca pode conter uma sílaba pesada, o que equivale a dizer que todas as sílabas pesadas são cabeça de um pé métrico, logo, são acentuadas.

Hayes introduziu ainda outros parâmetros, como a direção da construção de pés (da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita), a iteratividade da construção de pés (construção iterativa ou não iterativa) e a direção da ramificação ao nível da palavra (direita ou esquerda), que permite a determinação do acento principal.

Cada língua particular deve especificar todos estes parâmetros, e essa especificação fornece uma completa descrição do seu sistema acentual.

3.3 HALLE & VERGNAUD

Uma das mais completas elaborações de um modelo de grelha e constituintes é proposta por Halle & Vergnaud (1987). Os autores partem da consideração de que uma teoria fonológica aceitável deve dar conta, de uma forma simples e clara, de um conjunto de fatos elementares que envolvem os sistemas acentuais e que podem ser encontrados em muitas línguas.

A representação do acento é feita numa grelha métrica, definida como um plano autossegmental especial, em que uma seqüência de posições abstratas está associada às unidades que podem ser portadoras de acento numa linha central, que contém a seqüência de fonemas. É neste plano autossegmental que se elaboram todas as “computações” acentuais.

Para a construção da grelha concorrem três parâmetros binários fundamentais: *limite dos constituintes* (limitados/ilimitados); *localização de cabeça* (direita /esquerda); *direção de construção dos constituintes* (da esquerda para a direita/da direita para a esquerda). As línguas particulares especificam o valor destes parâmetros para construção das grelhas métricas.

Halle e Vergnaud concebem que uma seqüência de elementos lingüísticos é composta por vários constituintes em que um elemento é especialmente marcado - *a cabeça* – constituindo os restantes o *domínio*. O domínio acentual é a unidade sobre que se aplicam as regras acentuais, e qualquer domínio de acento contém uma posição rítmica que se distingue das outras por ser mais proeminente. Cada elemento proeminente da cadeia será caracterizado

como a cabeça de um constituinte, concebida como uma projeção desse constituinte num nível superior da grelha.

O parâmetro de direção de construção de constituintes restringe especificamente as regras que constroem constituintes limitados, podendo essa construção fazer-se da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda. Em palavras com número ímpar de sílabas, e no caso de se construírem constituintes binários, os resultados serão diferentes conforme a direção de construção.

Os parâmetros acima referidos constroem grelhas através de uma simples contagem de elementos e da consideração da posição destes elementos relativamente aos limites da palavra. Em muitas línguas, no entanto, a localização do acento é determinada não apenas pela posição do elemento acentuável, mas também pelo seu contexto fonético. É o caso das línguas em que o acento é sensível ao peso silábico ou determinado por morfemas lexicalmente marcados. Halle e Vergnaud propõem que, previamente à construção de constituintes, a esses elementos seja atribuída uma marca na Linha 1, que corresponderá à cabeça de um constituinte. A construção de constituintes far-se-á tendo em conta essas cabeças pré-atribuídas. Os constituintes de que esses elementos constituem a cabeça são constituintes *obrigatórios*, enquanto os outros são *construídos*. Estes últimos resultam, exclusivamente, da aplicação de regras; os outros são fornecidos com cabeças na representação subjacente, induzindo fronteiras métricas que estejam de acordo com a especificação dos parâmetros feita pela língua em causa.

As línguas em que o acento é determinado pelo peso silábico e que, por isso, integram nas suas representações elementos de Linha 1 pré-atribuídos, estão na origem da *Faithfulness*

Condition. Esta condição estabelece que as regras têm que respeitar os asteriscos que marcam cabeças intrínsecas. Garante, assim, a construção de todos os constituintes obrigatórios, ao determinar que as regras têm que construir a estrutura de constituintes de tal forma que os elementos marcados devem estar na posição apropriada dentro dos constituintes. Os constituintes associados a elementos acentuados são gerados pela *Faithfulness Condition*, formulada como uma condição que insere fronteiras métricas.

Esta é uma das condições que governam a aplicação das regras de construção de constituintes métricos, determinando a relação entre a forma dessas regras e o resultado da sua aplicação.

3.4 IDSARDI

O modelo proposto por Idsardi (1992) é um modelo de grelha e constituintes, que apresenta profundas semelhanças com a teoria de Halle e Vergnaud (1987), exposta em 2.3.3. A inovação do algoritmo de Idsardi parte da seguinte constatação: se a teoria métrica inclui um mecanismo de colocação de parênteses, não necessita de incluir a colocação direta de marcas na Linha 1. Para Idsardi (1992) um tratamento formal dos fenômenos acentuais requer três dispositivos básicos: um dispositivo que permita especificar os elementos que podem ser portadores de acento; uma forma de delimitar os agrupamentos de elementos; e um marcador que distinga, em cada grupo de elementos, aquele que é mais proeminente.

Como nos demais modelos, o primeiro passo é destacar os elementos acentuáveis, assim, projeta-se na linha 0 uma seqüência de fonemas e marcas abstratas que constituirão o plano métrico. A seguir dá-se o agrupamento desses elementos, delimitando-os através de parêntesis. Em cada constituinte métrico gerado, um elemento será designado cabeça, e será projetado na linha imediatamente mais alta na grelha, tem-se então, a linha 1. Dos elementos

projetados na linha 1, cujas marcas são interpretadas como assinalando um grau de proeminência acrescido, um terá proeminência máxima, cuja cabeça será marcada na linha 2.

Eis o resultado gerado pela grelha:

Linha 2		x	
Linha 1	x	x	
Linha 0	(x	x	(x x

Passatempo

O parêntesis tem um significado especial neste modelo. O parêntesis esquerdo indica que todo o material à sua direita até ao parêntesis seguinte faz parte do mesmo constituinte, da mesma maneira que um parêntesis direito indica que o material não metrificado à sua esquerda integra um constituinte.

Através de certos parâmetros de projeção, a língua em questão vai sendo especificada e projetada na grelha, em linhas paralelas compostas por marcas e parêntesis. Esta formalização é utilizada por Pereira (1999), para especificar os padrões do acento de palavra em português, cuja proposta será apresentada no capítulo III deste trabalho, onde apresentaremos uma visão mais detalhada das abordagens e interpretações para a ocorrência do acento primário, especificamente no Português do Brasil.

CAPÍTULO III – ESTUDOS SOBRE O ACENTO NO PB

Sabemos que os quatro autores, cujos trabalhos motivam a análise da ocorrência do acento no PB nesta dissertação, convergem seus olhares em alguns pontos e se distanciam em tantos outros, justificando um quadro comparativo como ponto de partida para conclusões posteriores. Para facilitar nosso trabalho, apresentaremos em dois quadros teóricos aqueles que são favoráveis ao valor quantitativo do peso silábico no PB: Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999); e aqueles que são contrários a essa postulação, defendendo diferenças lexicais, morfológicas e rítmicas para a atribuição do acento no PB: Lee (1995) e Pereira (1999). Tomaremos primeiramente o olhar de Bisol (1992) para os dados do PB.

1 A FAVOR DO VALOR FONOLÓGICO DO ACENTO NO PB

1.1 BISOL

A análise do acento no PB apresentada por Bisol (1992)¹⁵ fundamenta-se em Halle & Vergnaud (1987), cuja proposta alicerçada em Liberman & Prince (1977), Hayes (1981), Prince (1983) e Hammond (1986), constitui segundo a autora, a linha mais avançada da Fonologia Métrica.

¹⁵ BISOL, Leda. *O Acento: duas alternativas de análise*. UFRGS/PUCRS. Texto não publicado, 1992.

Bisol (1992) adota a mesma regra de acento para verbos e não-verbos, sendo diferenciado, no entanto, o domínio de aplicação dessa regra: nos nomes, a regra aplica-se na palavra derivacional, a partir do radical + vogal temática, ciclicamente; nos verbos aplica-se na palavra pronta, ou seja, a palavra lexical, de uma só vez. A regra é a mesma, mas sua aplicação, no léxico é diferenciada. Nos nomes, quando se acrescenta um sufixo, por exemplo, porta – porteiro, a regra do acento volta a se aplicar. Por essa razão, o acento é cíclico. Já nos verbos, como o acento se aplica somente quando a palavra estiver completamente pronta, a regra não é cíclica.

Para elaborar a regra do acento, Bisol (1992) utiliza duas noções importantes: o peso silábico e o pé métrico. As exceções à regra a autora resolve através do recurso da extrametricidade.¹⁶

(1) Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Quanto ao peso silábico, a regra de acento é sensível à sílaba pesada final. Deste modo, o acento é atribuído às oxítonas terminadas em consoante ou ditongo, como pomar, troféu, coronel, por meio de (1 i). Quanto ao pé, a regra determina que o acento irá cair sobre a segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra, desde que a primeira não seja pesada. Deste modo, o acento é atribuído às paroxítonas, como casa, parede e borboleta, por meio de (1 ii).

¹⁶ Uma noção introduzida por Liberman e Prince (1977) e que adquire importância dentro da teoria métrica a partir de Hayes (1980) é a noção da *extrametricidade*. A extrametricidade é um recurso para explicar por que em determinadas línguas o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima. Para restringir seu poder, incluiu-se a exigência de que somente pode ser extramétrico um elemento que esteja na margem de seu domínio (Condição de Perifericidade). BISOL (1996) op cit. p 134

A extrametricidade permite que um elemento (sílabas, mora, ou segmento) não seja visto pela regra de acento resultando, assim, um recuo do acento uma sílaba à esquerda da sua posição esperada. Nos nomes, a extrametricidade incide sobre exceções, sendo, portanto, uma informação marcada sobre a forma subjacente da palavra. Nos verbos, a extrametricidade é atribuída no decorrer da derivação, por meio de uma regra (6).

Nos nomes, a extrametricidade incide sobre (a) palavras com acento na terceira sílaba e (b) sobre palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não final. Nas primeiras, o elemento extramétrico é a sílaba final.

rápi < da >

fósfo < ro >

árvo < re >

Como esta sílaba se torna invisível, a Regra (1) considerará a borda direita da palavra somente a partir da segunda sílaba e, assim, o acento irá cair sobre a antepenúltima. Veja o exemplo:

(3) Derivação de árvore

ar vo < re > Forma Subjacente (já silabada)

(* .) Regra (1) (parte ii)

[arvuri] Forma de Superfície

Nas palavras do grupo (b), o elemento extramétrico é a coda silábica:

úti < l >

órfã < o >

lápi < s >

açúca < r >

Com a coda invisível, a sílaba final pode ser interpretada como leve pela Regra (1) e, assim, o acento será atribuído à segunda sílaba, a partir da borda direita.

Derivação de útil

ú ti < l >	Forma Subjacente (já silabada)
(* .)	Regra (1) (ii)
[u tʃiw]	Forma de Superfície

A extrametricidade, poderoso recurso dentro da teoria, confere a verbos e não-verbos um tratamento diversificado. Como vimos, em não-verbos incide em exceções, sendo, portanto uma informação lexical; em verbos, toma a forma de uma regra específica, como veremos a seguir.

Nos verbos, os casos sobre os quais incide a extrametricidade são: (i) formas como *cantem*, *falas*, em que a sílaba final pesada não recebe acento e (ii) formas como *gostávamos*, *cantássemos*, em que o acento cai sobre a antepenúltima sílaba. A extrametricidade é atribuída pela seguinte regra:

(6) Marque como extramétrica:

- a. A sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural dos tempos do imperfeito.
- b. Nos demais casos, a consoante com status de flexão.

A primeira expansão da regra (6) resulta em formas como gostáva< mos > e gostásse< mos >. A segunda resulta em formas como cánte< m >, fála< s >, às quais o acento é aplicado pela regra (1). Como vemos, a extrametricidade tem uma função muito importante nesta proposta, na medida em que permite que a regra do acento seja a mesma, tanto para nomes quanto para verbos, simplificando a análise.

Finalmente, os nomes oxítonos terminados em vogal, como jacaré, saci, que aparentemente, seriam exceções à Regra (1), são considerados como se tivessem uma consoante final na forma lexical.

(7)

σ	σ	σ
C V	C V	C V C
z a	k a	r ε

Segundo Bisol (1992), evidências para a existência desta consoante abstrata surgem em formas derivadas como cafeteira, cafezal, araçazeiro, chaleira. Desta maneira, a autora argumenta que a postulação de tal consoante não é um procedimento *ad hoc*, como se poderia supor. Em palavras não-derivadas, como café, araçá e chá, ela se encontra na posição de coda da sílaba. Nesta posição, quando não ligada a nenhum nó de raiz, esta consoante é apagada por convenção, porque está desassociada, isto é, não recebe interpretação fonética. Nas palavras derivadas, por ressilabação, ela passa para a posição de ataque e recebe interpretação fonética. A autora cita os seguintes exemplos:

(8) Derivação de café e cafeteira

k a f ε C	k a f ε C	Forma Subjacente
k a . f ε C	k a . f ε C	Silabação
(*)	(*)	Acento
_____	k a . f ε C + e i r a	Derivação
_____	k a . f ε . C e i . r a	Ressilabação
_____	(* .)	Acento
k a . f ε	_____	Apagamento de C
[ka' f ε]	[ka f e't e y r a]	Forma de Superfície

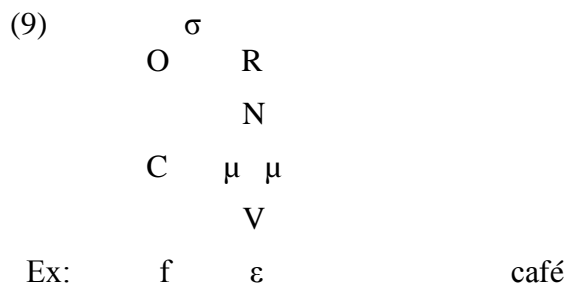
A postulação de uma consoante subjacente e o uso diferenciado do recurso da extrametricidade, ora tomando como extramétrica a coda, ora a sílaba inteira para unificar a visão sobre verbos e não-verbos, tem motivado críticas, servindo de contra argumento para aqueles que defendem que o peso silábico no PB é irrelevante para a postulação de uma regra de acento, dentre eles encontram-se Lee (1995) e Pereira (1999). Porém, para facilitar nossos estudos, apresentaremos a seguir também sustentando a relevância do peso silábico no PB, os trabalhos divulgados por Massini-Cagliari (1999), uma vez que a visão de Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999) convergem para ângulos bastante semelhantes.

1.2 MASSINI-CAGLIARI

Massini-Cagliari (1999) assume para a atribuição do acento no PB propostas semelhantes para verbos e não-verbos. Considera o troqueu com proeminência de acento à esquerda, como pé básico no PB – a exemplo do que fazem Bisol (1992) e Wetzels (1992). Assume que o PB é sensível ao peso silábico e propõe a construção de pés da direita para esquerda, não-iterativamente. Assim, consegue explicar a grande maioria das palavras do PB: paroxítonas terminadas em sílaba leve, oxítonas terminadas em sílaba pesada e monossílabos pesados. Reconhece, porém, que três casos constituem exceções clássicas a regra *default* de acentuação do PB: as oxítonas terminadas em vogal, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada e todas as proparoxítonas.

Quanto às oxítonas terminadas em vogal, Massini-Cagliari (1999) aceita a postulação de uma consoante abstrata na coda da rima final, proposta por Bisol (1992). Apresenta, porém, uma segunda possibilidade de explicação: “se a última sílaba das oxítonas terminadas em vogal se comporta como pesada (atraindo acento) é porque ela é pesada”. Para tal assunção, a autora

postula que a última vogal dessas palavras ocupa duas posições no núcleo da sílaba, sendo, portanto, bimoraica. E cita como exemplo:



Segundo Massini-Cagliari (1999:130) as duas soluções são possíveis, dentro da teoria, sendo a segunda preferível pela autora por não exigir a postulação de uma regra independente de queda da consoante abstrata final do radical, como a primeira. Desse modo, a estrutura métrica dessas oxítonas se equipara às terminadas em sílaba travada.

Quanto à acentuação das proparoxítonas, Massini-Cagliari (1999) chama de ortodoxa a maneira de adequá-las ao padrão acentual do PB utilizando-se o recurso da extrametricidade, proposta por Bisol (1992), que marca no léxico, a última sílaba das proparoxítonas: “A desvantagem dessa posição está no fato de terem que ser marcadas, uma a uma, no léxico, todas as proparoxítonas”. A seguir, a autora apresenta posicionamentos de outros autores como Duarte (1977), Maia (1981) d’Andrade & Laks (1991) e Alvarenga (1993) que a autora chama de menos ortodoxos dentro da teoria. D’Andrade & Laks e Alvarenga aludem a sufixos acento-repelentes, entre eles, -ico, -voro, -gero, -fero; Duarte e Maia fazem referência a seqüências inacentuáveis, entre elas -ic- e -im- (do sufixo-íssimo). Para Massini-Cagliari (1999) a grande inovação de sua proposta consiste em considerar inacentuáveis as vogais da penúltima - e não da última sílaba, como vem sendo feito, tradicionalmente, no modelo métrico. A autora cita como argumento favorável a essa postulação alguns processos de

redução das proparoxítonas em PB, visando a transformá-las em palavras canônicas quanto à acentuação, ou seja, a própria língua cria meios para adaptar as exceções às regras, mantendo o padrão métrico das paroxítonas que são maioria no PB. Nos exemplos que se seguem, a sílaba que enfraquece é a penúltima, uma vez que é ela que perde a vogal (o núcleo):

- (10) abóbora - abóbra
fósforo - fósfru
cérebro - cérbru

Segundo a solução mais ortodoxa, nas palavras da autora, as proparoxítonas possuem a seguinte estruturação métrica, dentro da teoria:

- (x .)
(11) abóbo <ra>

A conclusão a que Massini-Cagliari (1999) chega quanto à análise das proparoxítonas é um tanto quanto confusa. Embora as proparoxítonas formadas a partir de sufixos acento-repelentes sejam maioria, há palavras não derivadas por tais sufixos que também seguem esse padrão acentual. A solução sugerida é a de que “essas palavras são marcadas no léxico com instrução para a formação de pés datílicos, não por motivo da presença de um sufixo acento-repelente (já que isso não ocorre), mas individualmente”. Então a autora assume que nesses casos não é mais o sufixo que recebe a marca no léxico, mas o próprio item lexical. Seria então, mais econômico, marcar logo no léxico todas as palavras proparoxítonas, independente de ter ou não sufixo acento-repelente, como sendo portadoras de sílaba final extramétrica, como propõe Bisol (1992). A adoção dessa descrição adequa as proparoxítonas as demais palavras do PB e dispensa a classificação das mesmas em derivadas ou não-derivadas, sejam elas terminadas em sílaba leve ou pesada.

- (12) júpi<ter> ínte<rim> ôni<bus> abóbo<ra> fonéti<ca>

Quanto às paroxítonas terminadas em ditongo crescente (-io, -ia), classificação esta impropriamente realizada pela Gramática Normativa, a autora sugere nomeá-las de proparoxítonas terminadas em hiato uma vez que “ditongos crescentes são rimas de duas diferentes sílabas na estrutura subjacente”¹⁷ :

(13) paciência bancário marmóreo

Para outro grupo de exceções, o das paroxítonas terminadas em sílaba pesada, Massini-Cagliari (1999:136) adota a solução proposta por Wetzels (1992): “pés espondaicos são atribuídos a essas palavras, formando um padrão métrico paroxítono, excepcional, da mesma maneira que os pés datílicos são atribuídos às proparoxítonas, isto é, no primeiro estrato do léxico”. Em conformidade com a solução dada para as proparoxítonas derivadas, tal padrão seria ocasionado pela presença de sufixos indutores de ritmo espondaico, considerados acento-repelentes, tais como –agem, -vel / -bil, il.

Quanto às palavras acentuadas na quarta-última sílaba, no nível fonético (rítmico, técnica, étnico) o acento é atribuído ainda no léxico e o padrão acentual segue o das proparoxítonas.

Para dar conta das formas verbais a autora propõe a mesma regra de acentuação *default* proposta para os não-verbos, porém os verbos estariam sujeitos a uma regra especial de extrametricidade. Massini-Cagliari (1999: 140) marca como extramétrica coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N,S}. Com essa instrução a autora dá conta do

¹⁷ Massini-Cagliari, 1999 *apud* Bisol, 1989.

padrão acentual de quase todas as formas verbais do PB. Para o Futuro do Presente e Futuro do Pretérito sugere a aplicação da Regra final (RF), à direita, atribuindo ao último elemento da composição a proeminência ou acento. A autora salienta que as formas da primeira e segunda pessoas do plural nos tempos do Pretérito Imperfeito do Indicativo e do Subjuntivo e Pretérito mais que Perfeito do Indicativo foram por analogia, generalizando-se as formas das outras pessoas desses tempos; caso essas formas seguissem a regra *default* de acentuação, as formas obtidas seriam equivalentes àsquelas encontradas no português arcaico: amavámos, amarámos, amassémos. Daí, Massini-Cagliari (1999:143-144) levanta a hipótese de que os morfemas modo-temporais seriam acento-repelentes, porém com atuação diferente da dos sufixos acento-repelentes, ou indutores de ritmo datílico ou espondeico não verbais “tais sufixos nunca podem receber acento; se, por outro lado, o acento recair sobre eles a partir da aplicação da regra *default* de acentuação, o acento recuará para a sílaba imediatamente anterior, desde que esta operação não fira a RJT.”

As sugestões propostas por Massini-Cagliari (1999) muito pouco diferem das apresentadas por Bisol (1992), com a desvantagem de postular a existência de sufixos acento-repelentes para justificar as exceções, criando critérios diferentes de análise para as proparoxítonas e para as paroxítonas portadoras de tais sufixos. Além disso, Massini-Cagliari (1999) adota um tipo de pé básico para a maioria das palavras do PB e para dar conta dos casos excepcionais um outro tipo de pé é sugerido, o ternário. Tal prática é totalmente banida da teoria de Hayes (1995), que aposta na binaridade dos constituintes, como reconhece a própria autora.

2 CONTRA O VALOR FONOLÓGICO DO ACENTO NO PB

2.1 LEE

Para Lee (1995:140) a regra de acento do não-verbo aplica-se no domínio do radical derivacional, enquanto a regra de acento do verbo aplica-se no domínio da palavra. Em relação ao peso silábico, o autor conclui em seus trabalhos que o PB não é sensível à quantidade, sendo o fator determinante da regra de acento a categoria lexical. Para tanto, postula que há diferenças claras entre as regras de acento para verbo e não-verbo, sendo que as regras do acento do não-verbo aplicam-se no nível α , onde ocorrem os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição; ao passo que as regras de acento do verbo aplicam-se no nível β , onde ocorrem os processos de flexão regular de verbos e não-verbos e a formação produtiva. Propõe que a extrametricidade seja dominada pela morfologia e sujeita à Condição de Perifericidade.

Lee (1995:148) argumenta que à primeira vista os dados do PB levam a conclusão de que a quantidade é fator relevante na atribuição do acento, mas tal abordagem provocaria “problemas relacionados a: abstração da representação subjacente, extrametricidade, a Regra de Ritmo, etc” motivando a postulação de uma análise pautada na categoria lexical.

Lee (1995:150) questiona a utilização da extrametricidade sugerida por Bisol (1992), que ora incide sobre a sílaba, ora sobre a coda final. Como forma de restringir este uso o autor sugere a postulação de domínios diferentes para verbos e não-verbos. Nos verbos, o domínio de aplicação do acento é a palavra, sendo a extrametricidade condicionada morfologicamente;

nos não-verbos, o domínio é o radical derivacional, sendo extramétrico o marcador de palavra. Dessa forma, oxítonos marcados podem responder às mesmas regras dos paroxítonos não-marcados, pois o acento incidirá sempre sobre a última vogal do radical. Vejamos os exemplos:

(14) a. [gat] o, [menin]o

b. [coronel], [café]

Lee (1995:152) considera como domínio acentual o radical derivacional, sendo portanto, a estrutura do não-verbo constituída por radical + (vogal temática). Portanto, a vogal temática pode estar ou não presente que o ambiente para os não-verbos será o mesmo. O tipo de pé que será construído pela regra é iambo. Sendo assim constituída a sua versão final:

(15) Regra de Acento Primário do Não-verbo:

Domínio: Nível α

- a. Casos Não-Marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não-iterativo
- b. Casos Marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo

A aplicação dessa regra pode ser assim exemplificada:

(16) café almoço tonel

(. *) (. *) (. *)

Regra de atribuição de acento do não-verbo

(*) (*) (*)

Regra Final

O mérito da formulação dessa regra é que ela pode explicar a maioria dos casos de não-verbo oxítono e paroxítono, uma vez que ao se considerar o radical derivacional como domínio acentual, o oxítono pode também ser tratado como caso não-marcado, dispensando assim, a abstração de uma consoante adjacente. A vogal temática apagada na aplicação da regra (paroxítonos) é visível na regra final por *Stray Adjunction*. Outra vantagem é restringir o uso da extrametricidade. Os proparoxítonos têm o radical derivacional marcado lexicalmente. Porém, nesta proposta não quantitativa o pé é construído ora como iambo ora como troqueu, o que oferece um certo custo à análise. Também os casos marcados constituem problema na aplicação da regra. Vejam-se os exemplos citados pelo autor:

- (17) a. túnel, jovem
 b. último, abóbora, árvore

Para dar conta da atribuição do acento desses dois tipos de não-verbo a regra sugerida é aplicada da seguinte forma:

(18) túnel	jovem	último	abóbora	
(* .)	(* . .)	(* . .)	(* .)	Regra de acento primário do não-verbo
(*)	(*)	(*)	(*)	RF

Lee (1995) não deixa claro o que motiva ou justifica a mudança de direção da cabeça nos casos marcados de paroxítonos. A construção de pé troqueu (cabeça à esquerda) tem um custo alto numa teoria que aposta no iambo como pé básico para o PB.

Quanto à atribuição de acento do verbo, Lee (1995:162) considera como domínio acentual a palavra, e postula a aplicação de duas regras diferentes, ora cabeça à esquerda (não-marcado), ora cabeça à direita (caso marcado). Vejamos:

(19) Regra de acento do verbo (versão-final)

Domínio: Nível β

- a. Casos Não-marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo
b. Casos Marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não-iterativo

A aplicação da regra (19) é assim exemplificada pelo autor:

(19) a. computo falam falamos
 (* .) (* .) (* .)
 (*) (*) (*)

(19) b. batí baterá falar
 (. *) (. *) (. *)
 (*) (*) (*)

Como vimos, para aplicar as regras de acento sugeridas por Lee (1995) é necessário alternar a forma do pé, (ora esquerda ora direita) e admitir ritmos diferentes alternando-se dentro do sistema (ora troqueu ora iambo), o que de certa forma encarece a teoria.

Concluindo, ao postular uma regra de acento para o PB, Lee (1995:162) propõe que:

- (i) há, nessa língua, duas regras de acento – uma para não-verbo, que se aplica no nível α , e uma regra para verbo, que se aplica no nível β - a regra de acento é sensível à categoria lexical;
(ii) as duas regras do acento mencionado em (i) são contrastivas – a regra de acento marcada para não-verbo é não-marcada para verbo e vice-versa;
(iii) essas duas regras minimizam o uso da extrametricidade, que é motivada e mais restrita - a extrametricidade é condicionada morfológicamente;
(iv) o acento oxítono também pode ser tratado como caso não-marcado, assumindo-se a extrametricidade do marcador de palavra – com esta abordagem não é preciso postular a existência de consoante abstrata na representação subjacente;
(v) a regra de acento é insensível à quantidade da sílaba.

Em suas observações, Lee (1995) não menciona o morfema de 2ª p.p (-is) que ocorre nas formas do Imperfeito, do Mais-que-perfeito e do Futuro do Pretérito do Modo Indicativo e nas formas do Imperfeito do Subjuntivo, pois, segundo ele, esse morfema já não faz parte do PB, assunção com a qual concordamos. Dessa forma, Lee (1995) considera como extramétrico nos verbos apenas o morfema (-mos) de 1ª p.p.

Como vimos, o uso da extrametricidade é motivado morfológicamente, atingindo o morfema flexional nos verbos, e nos não-verbos o marcador de palavra, restringindo e simplificando a regra, eliminando os “vários tipos de extrametricidade postulados por Bisol” (Lee 1995). Tal solução parece-nos bastante interessante.

Em estudos recentes, Lee (2006) propõe uma análise unificada para verbos e não-verbos. Fatores morfológicos e fonológicos estariam interagindo no fenômeno acentual do PB. Esta análise parece-nos mais interessante e encontra convergência na proposta que iremos apresentar no capítulo IV.

Não se pode negar o mérito de cada uma das análises aqui discutidas, e dos argumentos utilizados para descrever o fenômeno acentual, cada qual sob seu ponto de vista. Para Lee (1995) que considera a categoria lexical como fator relevante para a atribuição do acento, é relevante o processo de formação da palavra, uma vez que terá como domínio acentual o radical derivacional; para Bisol (1992) que considera o peso silábico como fator relevante para a atribuição de acento, e como domínio acentual a palavra, a sílaba final e a coda silábica terão valor especial. Logo as duas análises são possíveis e pertinentes dependendo da leitura que se faz do acento e, claro, do domínio acentual em questão.

2.2 PEREIRA

Pereira (1999:119) assume que o sistema acentual do português não é fonologicamente determinado pela quantidade. Argumenta que a perda do valor fonológico da quantidade que

se verifica no latim vulgar, corresponderia no que respeita ao português, a perda do valor fonológico do peso silábico. Assim, para a autora, o acento pode ser o reflexo de estruturas meramente rítmicas, ser lexical, ou ser condicionado pela estrutura morfológica das palavras.

Pereira (1999:119) segue seu estudo analisando cada uma dessas possibilidades. Vejamos. O acento fixo, próximo de um dos limites da palavra, determinado exclusivamente por parâmetros métricos, é um exemplo de acento rítmico. O fato de o acento em Português se limitar a posições próximas da fronteira da palavra, indicia uma organização determinada por fatores rítmicos. Porém, a autora conclui que dada à diversidade de ritmos finais, uma vez que a língua admite acentuação na última, na penúltima e na antepenúltima sílaba da palavra, os princípios rítmicos parecem não atuar de forma exclusiva.¹⁸

A autora considera, então, a possibilidade de se conceber o acento em português como sendo lexical, ou seja, como parte da informação lexical que acompanha cada morfema. Nesse caso, a sua determinação não estaria sujeita a regras. Pereira (1999:120) cita como exemplo os contrastes acentuais do tipo *cabide/lápide* que podem levar a conclusão de que só uma informação lexical permitiria distinguir os dois padrões, uma vez que, em termos de organização dos segmentos e em termos morfológicos, ambas as formas têm a mesma estrutura. Porém, a autora conclui que as regularidades que se apresentam no sistema acentual do português são tão marcantes que tal hipótese não poderia ser aceita.

O fato de apenas os radicais serem passíveis de receber o acento nos não-verbos, sendo os morfemas flexionais sempre átonos e irrelevantes, constitui forte argumento para o condicionamento morfológico da atribuição do acento. Tal proposta de análise postula a

¹⁸ Essa observação da autora é importante para a proposta que apresentaremos no capítulo IV.

existência de dois sistemas acentuais: um verbal e outro não-verbal, diferenciação esta sustentada pela autora como sendo legítima e necessária, uma vez que nos verbos há a relevância de alguns morfemas flexionais na atribuição do acento, o que os distingue claramente dos não-verbos.

A mais óbvia e inegável generalização que se pode fazer sobre o acento em português diz respeito à sua localização: o acento pode encontrar-se numa das três últimas sílabas da palavra e apenas numa dessas sílabas. Esta restrição relativa à posição do acento principal é, geralmente, designada na literatura por condição da “Janela de Três Sílabas” e não é violada nunca. Porém, segundo a autora as possibilidades oferecidas pela “Janela de Três Sílabas” não são totalmente exploradas pelo português, pois, em certos contextos, a localização do acento limita-se às duas últimas sílabas da palavra. Tal conclusão dá-se a partir das seguintes restrições:

- a) em português, não há acento na antepenúltima sílaba quando a penúltima é fechada por consoante; b) não há acento na antepenúltima sílaba quando a penúltima contém um ditongo; e c) não há acento na antepenúltima sílaba quando a penúltima contém um ditongo ou vogais nasais. (Pereira, 1999:98)

Segundo a autora, tais restrições não são violadas em palavras nativas, embora a) e c) o possam ser quando se trata de nomes estrangeiros, essencialmente de proveniência inglesa, como Jefferson ou Washington. A estas restrições a autora acrescenta ainda uma tendência muito generalizada no português: não há acento na antepenúltima sílaba quando a última é fechada por consoante. Esta última condição é mais facilmente violável que as primeiras, apresentando como exemplos as palavras *júpiter* e *sífilis*.

Concretizando, a localização do acento fica restringida se uma das duas últimas sílabas da palavra tiver ou o núcleo ou a rima ramificados. Tal fato pode servir de argumento para uma

análise quantitativa do sistema acentual do português, hipótese esta terminantemente excluída pela autora. Pereira (1999:103) afirma que não existe relação direta entre a estrutura silábica e o acento, uma vez que:

- i. numa forma nominal com desinência, a penúltima sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja;
- ii. numa forma nominal sem desinência, a última sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja;
- iii. nas formas verbais, não é possível estabelecer qualquer relação entre estrutura silábica e acento.

Pereira (1999) admite uma tendência das sílabas finais pesadas para atraírem o acento, apenas em formas não-verbais, considerando, no entanto, um número elevado de formas excepcionais. Quanto ao fato de as palavras cuja sílaba final possui núcleo ou rima ramificados serem maioritariamente oxítonas, a autora diz que esta tendência verifica-se apenas no grupo dos não-verbos, carecendo, portanto, de generalidade.

Os pares estabelecidos com base na alternância acentual (fábrica/fabrica; âncora/ancora) dificilmente poderão ser explicados por meio de uma argumentação quantitativa, sendo indispensável utilizar como recurso a informação de caráter morfológico. A autora conclui que num sistema acentual de caráter exclusivamente quantitativo, não se esperaria que se distinguíssem dois sistemas acentuais diferentes, um sistema verbal e um sistema não-verbal. Distinção esta necessária em português.

Pereira (1999:119) assume que a localização do acento não é, porém, exclusivamente determinada pela morfologia, há outros fatores envolvidos: fatores de ordem rítmica, por um lado, informação lexical, por outro¹⁹. Em seu trabalho defende a existência de dois sistemas diferentes: o comportamento acentual dos verbos e dos não-verbos, ponto de partida para a sua proposta de análise do acento em português.

¹⁹ A interação de fatores rítmicos e morfológicos sugeridos pela autora irá subsidiar nossa proposta no capítulo IV.

Fazendo a análise do comportamento acentual dos não-verbos, a autora toma como regular o padrão acentual das oxítonas terminadas em vogal, devido à facilidade com que entram na língua palavras que seguem este mesmo modelo. Este é um forte argumento contra uma concepção quantitativa do sistema acentual do Português _ Pereira (1999:105) considera *ad hoc* a solução apresentada pela análise quantitativa para enquadrar as oxítonas terminadas em vogal através da postulação de uma consoante abstrata final _ . Outro forte argumento envolve as formas verbais, que sendo paradigmáticas, não têm o acento determinado pela quantidade das sílabas finais. Assim, a autora segue sua análise dos dados do português e propõe uma regra geral de acentuação, segundo a qual, nos não-verbos “a sílaba acentuada é a última sílaba do radical”.²⁰ Lembrando que paroxítonas e oxítonas terminadas em vogal do radical constituem casos não-marcados e permitem tratamento acentual homogêneo. Esta idéia também é defendida por Lee (1995).

O domínio de atribuição do acento é o radical derivacional,²¹ é sobre ele que as regras acentuais se aplicam ignorando os outros constituintes morfológicos que o seguem. As regras de atribuição do acento propostas então pela autora consistem em especificações dos parâmetros métricos estabelecidos no modelo de Idsardi. Neste modelo é utilizada a grelha métrica, onde são projetados na linha 0 os elementos da cadeia fonemática que podem ser portadores de acento, no caso do português, a sílaba é a unidade acentuável dentro da palavra. Pereira (1999) constata ser o troqueu o pé básico do português, uma vez que a acentuação paroxítona, que implica um ritmo final trocaico, mostra-se claramente majoritária.

²⁰ Aqui temos mais uma generalização importante, o marcador de palavra jamais portará acento. Essa generalização somada a observação da autora sobre a probabilidade das formas nominais portarem acento na penúltima ou na última sílaba desde que se observe a presença ou a ausência da desinência, respectivamente, motiva a proposta de interação rítmico-mofológica que apresentaremos no capítulo IV.

²¹ A autora constata que o acento do não-verbo envolve apenas os radicais, porque só pode incidir sobre uma das suas sílabas. As palavras derivadas também são acentuadas na última sílaba do radical, independente do número de constituintes que este possua. Logo, o domínio de atribuição do acento do não-verbo é o radical derivacional. Ex.: pessegueiro/pessegueirinho.

Partindo da constatação de que o domínio de atribuição do acento é o radical derivacional, de que o portador do acento no português é a sílaba e de que a sílaba acentuada é a última do radical, a autora propõe a projeção de marcas na grelha métrica através dos seguintes parâmetros:

(21) *Parâmetro de Projeção*
 Projetar uma marca na Linha 0 por cada sílaba.

Assim, tem-se:

(22) Linha 0	x x pedaç]	x x x chafariz]	x x x faraó]
--------------	---------------	--------------------	-----------------

A delimitação de constituintes constitui o passo seguinte na construção da grelha com o Parâmetro de Marcação de Limite (PML):

(23) *Parâmetro de Marcação de Limite (PML)*
 Colocar um parêntesis esquerdo à esquerda do elemento mais à direita (EED).

A marcação deste parâmetro resulta em:

(24) Linha 0	x (x pedaç]	x x(x chafariz]	x x(x faraó]
--------------	----------------	--------------------	-----------------

Este parâmetro atribui proeminência principal à última sílaba do radical derivacional. A seguir, a fim de especificar a norma-padrão de organização rítmica das sílabas pretônicas em português, que tem como recorrência o fato de as sílabas pares à esquerda da sílaba tônica evidenciarem proeminências secundárias, a autora introduz na grelha um parêntese esquerdo (E) que equivale à seguinte formulação:

(25) *Parâmetro de Construção Iterativa de Constituintes (CIC)*
 Colocar um parêntesis de dois em dois elementos, a partir do elemento mais à direita.

Aplicação da regra (25):

(26) Linha 0	x (x pedaç]	(x x(x chafariz]	(x x(x faraó]
--------------	----------------	---------------------	------------------

A autora faz referência a alguns fatores relevantes para a assunção do ritmo trocaico para o português: o fato de a acentuação paroxítona ser maioritária; o fato de as sílabas pares à esquerda da sílaba tônica serem afetadas por ecos acentuais; o fato de o português ter origem numa língua cujo sistema é trocaico, e ter mantido a sílaba tônica original na maioria dos casos, e, por fim, o argumento de que os sistemas iâmbicos são sempre sistemas quantitativos. Este último pode ser questionado, uma vez que há registros de línguas de ritmo iâmbico, cujo sistema acentual é insensível ao peso silábico.²² Então, tendo-se em consideração que a proeminência dentro do constituinte em português é à esquerda, tem-se o seguinte parâmetro:

(27) *Parâmetro de Colocação de Cabeça*

Projetar o elemento mais à esquerda de cada constituinte na linha seguinte da grelha.

Tem-se, então, determinadas as sílabas proeminentes de cada um dos constituintes construídos:

(28) Linha 1	x	x x	x x
Linha 0	x (x pedaç]	(x x(x chafariz]	(xx(x faraó]

O acento principal da palavra é determinado na linha 2 da grelha. Como o acento principal é determinado no limite direito da palavra, o PML da Linha 1 introduz o limite direito do constituinte, que integrará todas as marcas que se encontrem à esquerda do parêntesis inscrito.

(29) *Parâmetro de Marcação de Limite (Linha 1)*

Colocar um parêntesis direito à direita do elemento mais à direita.

Para marcar o acento principal de palavra tem-se o seguinte parâmetro:

(30) *Parâmetro de Colocação de Cabeça (Linha 1)*

Projetar na linha 2 o elemento mais à direita do constituinte.

Tem-se, então, a conclusão da construção da grelha, a seguir exemplificada:

(31) Linha 2	x	x	x
Linha 1	x)	x x)	x x)
Linha 0	x(x pedaç]	(x x(x chafariz]	(x x(x faraó]

²² Ver KAGER, René (1995)

Estes mesmos parâmetros são utilizados também para a acentuação dos monossílabos, que são constituídos apenas por um radical, sem marcador de palavra.

(32) Linha 2	x	x
Linha 1	x)	x)
Linha 0	(x mal]	(x pé]

A análise proposta por Pereira (1999) dá conta dos casos não-marcados, permitindo tratamento homogêneo para paroxítonas e oxítonas. Agora vejamos os casos marcados, a fim de constatar o grau de adequação da proposta.

A autora propõe a mesma regra de atribuição do acento para formas paroxítonas e proparoxítonas, pois segundo Pereira (1999:139) a aparente diferença quanto à colocação do acento se justifica na presença ou ausência do marcador de classe, que irá determinar a distância da sílaba tônica relativamente ao limite direito da palavra, no entanto, nos dois casos a sílaba acentuada é a penúltima do radical derivacional. Para que as especificações paramétricas propostas para a acentuação regular possam ser também aplicadas nos casos marcados, estas formas deverão conter no léxico a seguinte informação:

(33) *Parâmetro de Marcação de Limite*: não se aplica (n.a)

Na prática, tem-se uma grande economia uma vez que não é necessário utilizar qualquer outro tipo de informação, como por exemplo, o recurso da extrametricidade sugerido por Bisol (1992). Basta que não seja aplicado o parâmetro PML (23) na grelha métrica, os demais parâmetros são aplicados sem qualquer alteração. Tem-se, então:

- (34) suplic] : PML _ não se aplica
 âmbar] : PML _ não se aplica

Essa informação permite a correta atribuição do acento à penúltima sílaba do radical, como se pode observar nos exemplos citados pela autora em:

(35)

Linha 0 (Projeção, CIC, Cabeça)	x (x x suplic]	x (x x âmbar]
Linha 1 (PML, Cabeça)	x x) (x x suplic]	x x) (x x âmbar]

A solução é econômica, uma vez que utiliza os dispositivos já existentes. Também os radicais derivados receberão o mesmo tratamento geral de aplicação de parâmetros, com exceção de um reduzido número de sufixos derivacionais com comportamentos acentuais diferentes, que serão lexicalmente marcados.

A autora cita como casos problemáticos um reduzido número de palavras que não corresponde quer aos padrões de acentuação regular quer aos padrões marcados. Cita como exemplos os vocábulos *álcool*, *ípsilon*, *Júnior*, *sênior*, *Lúcifer*, *Júpiter* e *sífilis*. Tais vocábulos, compostos apenas por um radical, sem marcador de palavra são afetados pelo acento na antepenúltima sílaba. Para dar conta deste padrão acentual a autora especifica um *Parâmetro de Marcação de Limite* especial:

- (36) *Parâmetro de Marcação de Limite*
 Colocar um parêntesis direito à esquerda do elemento mais à direita.

Tal parâmetro se justifica na constatação da autora de que nestes casos “a proeminência da antepenúltima sílaba do radical só pode resultar da exclusão da última sílaba da computação métrica e da construção de um constituinte binário de cabeça à esquerda”(Pereira 1999:147).

Resumindo, colocar um parêntese direito à esquerda do elemento mais à direita significa excluir a última sílaba dessas palavras a fim de que a regularidade da regra possa alcançar resultados adequados. Percebe-se aqui o uso do recurso da extrametricidade da sílaba final proposta por Bisol (1992) para dar conta das proparoxítonas, porém, na análise de Bisol (1992) todas as proparoxítonas são marcadas no léxico como portadoras de sílaba final extramétrica e não apenas os casos citados acima.

Também o comportamento particular desses vocábulos no processo de pluralização resultando *Jupíteres, Lucíferes, espécímenes, seniores, juniores*, cujo acento “desloca-se” para uma sílaba mais próxima do limite direito da palavra para não violar a “Janela de Três Sílabas”, contrariando a generalidade de que nas formas não-verbais do português, o morfema de número, assim como o marcador de palavra não intervêm na atribuição do acento, é tido pela autora como motivo não suficiente para alterar a sua posição sobre o domínio acentual. Para esse comportamento excepcional a autora sugere a coexistência de duas formas para cada um destes radicais, uma para o singular e outra para o plural, constituindo um caso específico de alomorfia.

Sintetizando, Pereira (1999:155) descreve os comportamentos acentuais das formas não-verbais do português da seguinte forma:

- Padrão normal: a sílaba acentuada é a última do radical derivacional
Padrões marcados: i. a sílaba acentuada é a penúltima do radical derivacional;
ii. a sílaba acentuada é a antepenúltima do radical derivacional. (Sic!)

Se a grande sacada da teoria é o fato de homogeneizar o tratamento de proparoxítonas terminadas em marcador de palavra e oxítonas terminadas em vogal do radical; ao mesmo tempo que também oferece tratamento homogêneo a proparoxítonas e proparoxítonas, cuja diferença aparente estaria apenas na presença ou ausência de um marcador de classe que determinaria a

distância da sílaba tônica do limite direito da palavra, sendo a regra de acento porém a mesma para paroxítonas e proparoxítonas, a assunção da forma ii parece ser um tanto cara.

Sintetizando, esse é o conjunto de especificações paramétricas propostas por Pereira (1999:156):

(37)Parâmetros de acentuação não-verbal do português
Domínio acentual: radical derivacional
Acentuação regular:
Linha 0: Projeção –sílabas; PML –EED; CIC –E; Cabeça – E;
Linha 1: PML – DDD; Cabeça – D;
Acentuação marcada:
Linha 0: Projeção – sílabas; PML – n.a; CIC – E; Cabeça –E;
Linha 1: PML –DDD; Cabeça –D;
ii.Linha 0: Projeção – sílabas; PML - DED;CIC – E; Cabeça – E;
Linha 1: PML – DDD; Cabeça –D.

Quanto à acentuação regular a proposta é bastante interessante, pois dá o mesmo tratamento às oxítonas e paroxítonas, tratando formalmente oxítonas como não-marcadas. Nos casos marcados não-problemáticos não se aplica a PML. Vocábulo como *súplica* e *âmbar* recebem o mesmo tratamento, uma vez que segundo Pereira (1999) eles se diferenciariam apenas quanto à composição: uma possui marcador de palavra e a outra não. Essa formalização é bastante econômica. Porém, para tratar a acentuação marcada dos casos ditos como “problemáticos” Pereira precisa valer-se da extrametricidade quando aplica a PML – DED. Isto resulta na exclusão da última sílaba da computação gráfica de vocábulo como *álcool*, *espécimen*, *Júnior*, *sênior*, *Lúcifer*, *Júpiter*, *sífilis* que recebem o tratamento ii. Ou seja, para dar conta de todos os padrões acentuais dos não-verbos, permitindo uma análise homogênea, o Parâmetro de Marcação de Limite ora não se aplica; ora se aplica, porém alternando-se à esquerda ou à direita do elemento mais à direita do radical derivacional. Mesmo uma análise formalmente bem estruturada como a de Pereira (1999) encontra dificuldades para descrever os casos ditos “problemáticos” de acento no português.

A análise do padrão acentual verbal proposta por Pereira (1999:157) se pauta na assunção de que o comportamento acentual do verbo tem características próprias, distintas do não-verbo.

Dentre elas a autora cita que:

i) os radicais verbais não determinam a localização do acento, que está dependente das características acentuais dos morfemas flexionais; ii) o acento verbal nunca é irregular, tendo cada tempo/modo verbal um padrão acentual característico, que não admite variação; iii) as formas verbais, ao permitirem a ciclitização pronominal, permitem também que o acento se encontre à esquerda da antepenúltima sílaba, violando, ao nível de superfície, a restrição da Janela de Três Sílabas.

O fato iii também se observa nos não-verbos cuja vogal epentética viola, a nível de superfície, a RJT. Como exemplo, a autora cita os vocábulos *rítmico* e *amígdala*.

Segundo Pereira (1999:158), não se pode dizer qual o padrão marcado e qual o não-marcado para as formas verbais, com base na frequência de ocorrências como se faz para o sistema não-verbal. Embora o número de ocorrência de formas paroxítonas seja predominante, nas formas verbais que não são paroxítonas também há regularidade de ocorrência. Esta regularidade está associada aos morfemas verbais, que, dentro de cada paradigma modo-temporal pode ser justificada. Deste modo, as generalizações sobre os padrões acentuais verbais envolvem os constituintes morfológicos destas formas.²³

Feitas as diferenciações formais entre verbo e não-verbo, a autora constata que contrariamente aos não-verbos em que a atribuição do acento envolve apenas os radicais, nos verbos são os morfemas que seguem o radical (VT e sufixos flexionais) que desempenham um papel fundamental. Por isso, nos verbos, o domínio acentual é a palavra.

(38)O domínio de atribuição do acento verbal é a palavra.

²³ Assunção com a qual concordamos e assumimos no capítulo IV.

Dessa assunção, decorre que a palavra seja projetada na grelha métrica após estar completamente formada. O primeiro parâmetro para a construção da grelha é a projeção de cada sílaba na linha 0, tal como na formalização dos não-verbos. A seguir, são formalizados parâmetros, considerando os princípios básicos relativos aos não-verbos e a assunção do troqueu como pé básico do português.

(39) *Parâmetro de Marcação de Limite dos TMA de Futuro e Condicional*

Colocar um parêntesis esquerdo à esquerda do elemento mais à esquerda

(40) *Parâmetro de Marcação de Limite da VT*

Colocar um parêntesis esquerdo à esquerda do elemento mais à esquerda

Condição: VT/ _ + TMA

O parâmetro (40) permite determinar a localização do acento nas formas do Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, Pretérito Mais-que-Perfeito, Infinitivo Pessoal e formas não flexionáveis.

No Presente do Indicativo e no Presente do Subjuntivo o acento recai sobre a penúltima sílaba da palavra, devendo-se a sua atribuição à atuação exclusiva de princípios rítmicos.²⁴ Para obter os resultados desejados invoca-se o parâmetro (23) já utilizado para os não-verbos.

(23) *Parâmetro de Construção Iterativa de Constituintes (CIC)*

Colocar um parêntesis de dois em dois elementos, a partir do elemento mais à direita

A seguir, mantem-se a mesma forma proposta para os nomes:

(27) *Parâmetro de Colocação de Cabeça*

Projetar o elemento mais à esquerda de cada constituinte na linha seguinte da grelha

(29) *Parâmetros da Linha 1*

i. PML: Colocar um parêntesis direito à direita do elemento mais à direita.

ii. Cabeça: projetar na Linha 2 o elemento mais à direita do constituinte.

²⁴ Assunção que motiva a interação de fatores morfológicos e rítmicos também para as formas verbais. (Ver capítulo IV seção 2.2)

A autora ordena as regras de modo que a sua aplicação de sê de forma exclusiva, evitando assim, que mais de uma regra atue sobre a mesma derivação. A ordenação proposta é a seguinte: PML(39), PML(40), CIC(23); de tal forma que a aplicação da primeira bloqueia a aplicação das outras; se o contexto de aplicação da primeira regra não for observado, aplica-se a regra seguinte.

Sintetizando as conclusões de Pereira, o comportamento acentual dos verbos em português evidencia as seguintes regularidades:

- . As formas do Futuro do Indicativo e do Condicional recebem o acento no TMA;
- . O acento incide sobre a VT sempre que esta é seguida de um TMA;
- . Quando não se observa nenhum dos casos anteriores, o acento afeta a penúltima sílaba morfológica. (Pereira 1999:191)

Estas regularidades são convertidas em linguagem formal através dos seguintes parâmetros:

(41)Parâmetros de acentuação verbal do português
Domínio acentual: palavra
Linha 0: Projeção: sílabas
 i. TMA] Fut. Cond. _ PML:EEE
 ii. VT _ PML: EEE
 Condição:VT/_ + TMA
 iii. CIC - E
 Cabeça: E
Linha 1: PML – DDD: Cabeça – D.

Pereira (1999:192) assume em seus estudos que as regras do acento verbal são regras não-cíclicas, que se aplicam uma só vez, após a inserção de todos os morfemas flexionais verbais e são antecedidas pela regra de supressão da VT.

Bisol (1992) também assume que nos verbos, as regras de acento somente operam quando a palavra está pronta, caracterizando-se portanto como não-cíclicas.

A diferença básica entre as duas análises em questão está na sofisticação de Pereira(1999) e na simplicidade de Bisol(1992). Ambas são pertinentes e de inegável valor teórico, porém na

prática, Bisol (1992) consegue formalizar de maneira simples unificando verbos e não-verbos dentro de um mesmo quadro teórico, porém necessitando utilizar, em várias situações, o recurso da extrametricidade, o que acaba por encarecer sua análise. Se comparada a análise de Lee (1995), da qual compartilha domínio acentual e sensibilidade lexical, Pereira (1999) apresenta vantagens quanto a assunção do troqueu como pé básico, no entanto, é muito formal, pecando pois, quanto a simplicidade.

3. SÍNTESE DAS PROPOSTAS DE ATRIBUIÇÃO DO ACENTO PRIMÁRIO NO PB

BISOL (1992)

(1) Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Nos nomes, a extrametricidade incide sobre (a) palavras com acento na terceira sílaba e (b) sobre palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não final. (incide em exceções – informação lexical).

Nos verbos, (toma a forma de uma regra específica) os casos sobre os quais incide a extrametricidade são: (i) formas como *cantem*, *falas*, em que a sílaba final pesada não recebe acento e (ii) formas como *gostávamos*, *cantássemos*, em que o acento cai sobre a antepenúltima sílaba.

Oxítonas terminadas em vogal

Os nomes oxítonos terminados em vogal, como jacaré, saci, que aparentemente, seriam exceções à Regra (1), são considerados como se tivessem uma consoante final na forma lexical.

(3)

σ	σ	σ	
C V	C V	C V C	
z a	k a	r ε	

LEE (1995)

(1) Regra de Acento Primário do Não-verbo:

Domínio: Nível α

a. Casos Não-Marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não-iterativo

b. Casos Marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo

A aplicação dessa regra pode ser assim exemplificada:

(2) café almoço tonel

(. *) (. *) (. *) Regra de atribuição de acento do não-verbo

(*) (*) (*) Regra Final

(3) túnel jovem último abóbora

(* .) (* .) (* .) (* .) Regra de acento primário do não-verbo

(*) (*) (*) (*) RF

(4) Regra de acento do verbo (versão-final)

Domínio: Nível β

a. Casos Não-marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo

b. Casos Marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não-iterativo

A aplicação da regra (4) é assim exemplificada pelo autor:

(5) a. computo falam falamos
 (. * .) (* .) (* .)
 (*) (*) (*)

(6) b. batí baterá falar
 (. *) (. *) (. *)
 (*) (*) (*)

PEREIRA (1999)

Pereira (1999) descreve os comportamentos acentuais das formas não-verbais do português da seguinte forma:

Padrão normal: a sílaba acentuada é a última do radical derivacional
 Padrões marcados: i. a sílaba acentuada é a penúltima do radical derivacional;
 ii. a sílaba acentuada é a antepenúltima do radical derivacional.

(1) Parâmetros de acentuação não-verbal do português

Domínio acentual: radical derivacional

Acentuação regular:

Linha 0: Projeção – sílabas; PML –EED; CIC –E; Cabeça – E;

Linha 1: PML – DDD; Cabeça – D;

Acentuação marcada:

Linha 0: Projeção – sílabas; PML – n.a; CIC – E; Cabeça –E;

Linha 1: PML –DDD; Cabeça –D;

ii.Linha 0: Projeção – sílabas; PML - DED;CIC – E; Cabeça – E;

Linha 1: PML – DDD; Cabeça –D.

Sintetizando as conclusões de Pereira, o comportamento acentual dos verbos em português evidencia as seguintes regularidades:

- . As formas do Futuro do Indicativo e do Condicional recebem o acento no TMA;
- . O acento incide sobre a VT sempre que esta é seguida de um TMA;
- . Quando não se observa nenhum dos casos anteriores, o acento afeta a penúltima sílaba morfológica.

Estas regularidades são convertidas em linguagem formal através dos seguintes parâmetros:

(2) Parâmetros de acentuação verbal do português

Domínio acentual: palavra

Linha 0: Projeção: sílabas

i. TMA] Fut. Cond. _ PML:EEE

ii. VT _ PML: EEE

Condição:VT/ _ + TMA

iii. CIC - E

Cabeça: E

Linha 1: PML – DDD; Cabeça – D.

3.1 SÍNTESE DA APLICAÇÃO DE CADA PROPOSTA EM TABELA

Pereira (1999)	Oxítonas e Paroxítonas (não-marcados)			Proparoxítonas e Paroxítonas (casos marcados)		
	Linha 2	x	x	x	Linha 0(Projeção, CIC,Cabeça)	x (x x
Linha 1	x)	x x)	x x)	súplic]		âmbar]
Linha 0	x (x	(x x(x	(x x(x			

	pedaç]	chafariz]	faraó]	Linha 1 (PML, cabeça)	X x (x x suplic]	X x (x x âmbar]
--	--------	-----------	--------	-----------------------	----------------------------	--------------------------

Lee (1995)	Oxítonas e Paroxítonas (não marcados)			Proparoxítonas e Paroxítonas (casos marcados)	
Regra de atribuição de acento	pedaç<o> (. *)	chafariz (. . *)	faraó (. . *)	súplica (* .)	âmbar (* .)
Regra Final	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)

Bisol (1992)	Oxítonas e Paroxítonas(não marcados)			Proparoxítonas e Paroxítona (casos marcados)	
Forma Subjacente (já silabada)	pedaço	chafariz	faraó	súplica	âmbar
Regra de atribuição de acento (i) (*) e (ii) (* .)	pe da ço	cha fa riz	fa ra o(C)	su pli <ca>	am ba<r>
Forma de Superfície	(. *)	(*)	(*)	(* .)	(* .)
	[pe'daçu]	[šafa'riz]	[fara'o]	['suplica]	['ambar]

3.2 SÍNTESE DAS ASSUNÇÕES E POSTULAÇÕES TEÓRICAS ANALISADAS

Assunções Quantitativas:

1.a. Para Bisol(1992) nos radicais simples, a consoante abstrata da forma subjacente de palavras como *café* e *tricô* é apagada por convenção; nas formas derivadas, ela manifesta-se foneticamente, como resultado de um processo de ressilabificação como *cafeteira*, *cafezal*, *tricotar*. Tais palavras não possuem vogal temática, uma vez que optam pelo sufixo -zinho, como as acabadas em rima ramificada *pomar-pomarzinho*; *café-cafezinho* e mereceriam pois, o mesmo tratamento recebido pelas oxítonas terminadas em consoante. Daí a postulação de

consoante abstrata na terminação de não-verbos oxítonos que não possuem marcador de palavra.

1.b. Para Massini-Cagliari(1999) se a última sílaba das oxítonas terminadas em vogal se comporta como pesada (atraindo acento), é porque ela é pesada. A autora postula que a última vogal dessas palavras ocupa duas posições no núcleo da sílaba, sendo portanto, bimoraica.

2. Extrametricidade para tratar casos marcados, paroxítonas e proparoxítonas.

3. O domínio acentual para verbos e não-verbos é a palavra.

Assunções Morfológicas:

1. Se a palavra faz terminação em vogal e opta pelo sufixo z-avaliativo, então a vogal faz parte do radical, sendo portanto, passível de receber acento *café-cafezinho*; *pomar-pomarzinho*. Se ao contrário, opta pelo sufixo avaliativo -inho, então trata-se de marcador de palavra, não fazendo parte do radical e por isso, não recebe acento.

2. A sílaba acentuada dos não-verbos é a última do radical.

3. O domínio acentual é diferente para verbos e não-verbos.

3.a.Domínio acentual verbal: a palavra

3.b.Domínio acentual não-verbal: radical derivacional

No presente capítulo, apresentamos informações que julgamos relevantes para uma melhor compreensão do fenômeno acentual do PB. Apresentamos também uma leitura crítica dos textos dos autores que subsidiaram nosso trabalho.

Esta revisão bibliográfica permitiu-nos conhecer trabalhos que se enquadram em modelos gerativos não-lineares, e estudar duas importantes perspectivas de análise do acento no PB: uma que toma como base uma leitura quantitativa para o sistema acentual; e outra que se

pauta no condicionamento morfológico do acento. Cada teoria tem o seu valor de verdade, o que nos leva a buscar no Capítulo IV a partir das convergências e divergências de cada teoria, uma proposta alternativa de análise do PB.

CAPÍTULO IV - PROPONDO ALTERNATIVA

1 REAVALIANDO OS DADOS DO PB

As teorias então apresentadas encontram divergência principalmente quanto ao domínio de aplicação – radical derivacional/palavra; à relevância ou não relevância do peso silábico; e à sensibilidade à categoria lexical. Fazemos então, uma reavaliação dos dados levantados pela literatura, a fim de propor uma alternativa que seja econômica e que dê conta de descrever o fenômeno acentual nesta língua.

1.1 QUANTO AO DOMÍNIO ACENTUAL

O que a abordagem morfológica nos oferece? A começar temos perspectivas diferentes: a abordagem morfológica toma o *radical derivacional* dos não-verbos como domínio acentual, ignorando os outros constituintes morfológicos, tanto nas formas acentuais marcadas como nas não-marcadas. As palavras derivadas também são acentuadas na última sílaba do radical, independente do número de constituintes que este possua.

- (1) (. x) } domínio acentual = radical derivacional
 batat+a

Nessa perspectiva, fica sugerido ritmo iambo, defendido por Lee(1995) e negado por Pereira(1999), que embora assuma o radical derivacional como domínio acentual, defende o troqueu como pé canônico dessa língua.

A abordagem quantitativa, porém, considera a *palavra* como domínio de acentuação. Argumentando que os nomes canônicos, nesta língua, são formados de um radical mais desinências de gênero (marcador de palavra) e número (que nunca são acentuadas). Nesta perspectiva, a alternância sugerida é do tipo trocaico.

(2) (x .) }domínio acentual = a palavra
batata

No exemplo (1) a presença ou ausência do marcador de palavra é indiferente para a atribuição da regra, uma vez que ele nunca será acentuado. Conseqüentemente, sua configuração na grelha métrica irá sugerir o iambo, uma vez que a última vogal do radical receberá a marca de proeminência, desconsiderando o restante da palavra, ou seja, a regra de acento enxergará apenas o radical derivacional; no exemplo (2) embora o marcador de palavra não porte acento, ele é enxergado pela regra como não proeminente, sugerindo a partir da borda direita da palavra, a alternância (* .) configurando o troqueu. Embora não acentuado, o marcador de palavra é importante na configuração do pé, tornando possível a descrição forte/fraco a partir da borda direita da palavra, ou seja, nesta abordagem a palavra inteira é vista pela regra de acento e o troqueu encontra espaço para sua configuração.

Se eu atribuísse a regra do não-verbo não-marcado sugerida por Lee (1995) para descrever a palavra *bola* assim seria a descrição:

(3) bol]a
(*)

O domínio é o radical derivacional e a vogal proeminente é a última do radical. A regra para o não-verbo não marcado sugerida por Lee (1995) manda formar constituinte binário, com cabeça à direita, direção: direita para a esquerda, não-iterativo, o tipo de pé que se constrói nestes casos é o iambo. Teríamos aqui a formação de um pé irregular, visto que a aplicação da regra se dá de forma não-iterativa, embora a palavra *bola* se encaixe no perfil da maioria das palavras dessa língua.

Se eu projetasse a palavra *bola* na grelha métrica sugerida por Pereira (1999) teria a seguinte descrição:

(4) Linha 2	x
Linha 1	x)
Linha 0	(x
	bol]a

O domínio acentual é o radical derivacional. Linha 0 projeção de sílabas acentuáveis seguido de parâmetro de marcação de limite (PML- EED); linha 1 projeção do elemento mais a esquerda de cada constituinte e colocação de parêntese direito à direita do elemento mais à direita (PML – DDD); na linha 2 tem-se o acento principal da palavra. Estes mesmos parâmetros são atribuídos pela autora aos monossílabos e a descrição é a mesma:

(5) Linha 2	x	x
Linha 1	x)	x)
Linha 0	(x	(x
	mal]	pé]

Essa descrição é econômica, mas e quanto ao troqueu silábico? Não fica evidenciado na grelha métrica o tipo de pé que se forma no PB por isso a descrição de (4) e (5) faz-se da mesma forma. Tem-se a descrição de sílabas átonas proeminentes à esquerda da sílaba principal na linha 0 através do parâmetro 25 (observado na seção 2.2 do Cap III) que

contempla a regra de ritmo, colocando um parêntese de dois em dois elementos a partir do elemento mais à direita:

(6) Linha 0 (x x(x (x x(x
 chafariz] faraó]

e para descrever o troqueu a autora utiliza o parâmetro 27 que projeta o elemento mais à esquerda de cada constituinte na linha seguinte da grelha, ou seja, linha 1, então tem-se a delimitação do domínio acentual através do parêntese colocado à direita do elemento mais à direita e a seguir, na linha 2, a projeção do elemento principal, que será o elemento mais à direita do constituinte, ou seja, embora a autora admita o troqueu, finaliza sua descrição projetando na linha 2 o elemento mais à direita do constituinte.

Ao assumir o radical derivacional como domínio acentual e desprezar os constituintes morfológicos posicionados após o radical, a descrição (1) acaba por sugerir o ritmo iambo, não alcançando no gráfico de grades e constituintes uma descrição adequada ao pé canônico que se forma nessa língua, na análise proposta por Lee (1995); ou não alcançando descrição pertinente as assunções postuladas, na análise de Pereira (1999), uma vez que a autora assume o troqueu e projeta na última linha da grelha métrica a última vogal do domínio acentual, sugerindo, no gráfico, o iambo.

Ao assumir a palavra como domínio acentual, temos a configuração do troqueu de forma clara no gráfico de parênteses e constituintes através da descrição (*).

Por que o troqueu? Assumimos juntamente com Bisol (1992), Massini-Cagliari (1999) e Pereira (1999) que o troqueu é o pé canônico do PB. Tal assunção se justifica na própria origem da língua. Massini-Cagliari (1999) faz um levantamento da história da língua

portuguesa, desde o latim clássico, passando pelo português arcaico até os dias atuais, como vimos no capítulo III. A autora constata através da análise de textos poéticos em galego-português que a língua portuguesa sofreu importantes alterações de ordem rítmica na sua transposição de latim clássico ao português arcaico. Na transposição do latim clássico ao latim vulgar as mudanças se restringem a poucas palavras, mantendo-se o padrão geral quanto a pauta acentual, ou seja, a predominância de paroxítonos e proparoxítonos é marcante. No estágio de formação do galego-português, Massini-Cagliari(1999:16) constata um número mais significativo de oxítonas na língua, as proparoxítonas praticamente desaparecem, ficando restritas a termos técnicos e empréstimos, que aparecerão nos textos em prosa. No estágio seguinte da língua, o português atual, os três tipos voltam a se alternar, com predominância marcante das paroxítonas. O que nos interessa nesse processo de formação é justamente a predominância das paroxítonas, que se mantém em todos os estágios da língua, e o aparecimento das oxítonas de forma realmente significativa já no galego-português, sugerindo uma alteração no sistema rítmico canônico da língua, ou seja, hoje temos as paroxítonas como regularidades da língua e as oxítonas como possibilidade, embora fora dos padrões canônicos de realização. Logo o troqueu configura-se como pé canônico no PB e a descrição (* .) dá conta de evidenciar este dado da língua.

Neste momento, outro questionamento precisa ser feito: se a atribuição (* .) dá conta de descrever a maioria das palavras do PB, talvez o acento deva ser atribuído unicamente ao tipo de pé que se constrói nessa língua. Assim a formação dos pés seria utilizada como critério para a projeção na grade métrica. Esta seria então, uma proposta fonológica para tratar o acento no PB.

Porém outro problema se apresenta: tratar todas as oxítonas da língua como irregularidade é bastante caro uma vez que o falante nativo gera palavras oxítonas e que elas se apresentam em número bastante significativo dentro da língua. Então, o que estaria motivando a formação de oxítonas no PB, visto que elas não se pautam pela informação rítmica?

As oxítonas, exceções ao pé canônico, pois não formam pé com domínio à esquerda, e não podem ser descritas através de critérios rítmicos _ como as paroxítonas, maioria das palavras do PB, ao lado das proparoxítonas, conforme proposta a seguir _ mantêm um padrão de regularidade quando se considera os elementos morfológicos presentes para sua constituição: o acento sempre cai sobre a última vogal do radical, e isso independe da quantidade silábica. Por isso a sua descrição far-se-á através da observação da presença/ausência do marcador de palavra, sugestão já presente na literatura em Lee (1995) e Pereira (1999). Logo, para tratar das oxítonas, assumiremos fatores morfológicos como determinantes do acento, assim, elas serão irregulares apenas quanto ao pé canônico da língua. Quanto ao local de pouso do acento, este será determinado pela presença/ausência do marcador de palavra, garantindo-lhe um acento previsível, tem-se então, a interação de fatores morfológicos e rítmicos para a determinação do acento no PB e a oxítonas podem ser tratadas como casos não-marcados.

Essa interação de fatores encontra respaldo na literatura, uma vez que há um consenso quanto ao fenômeno acentual do PB não se pautar por um critério único para a atribuição de acento, mas pela interação de fatores que podem ser de ordem morfológica, rítmica, lexical, dentre outros.

1.2 QUANTO À RELEVÂNCIA OU NÃO RELEVÂNCIA DO PESO SILÁBICO

Utilizamos a própria origem da língua para justificar nossa opção pelo troqueu, porém a história da língua pode ser argumento favorável também para a assunção do peso silábico como determinante do acento no PB, uma vez que é consensual na literatura o fato de o latim se pautar em critérios rítmicos e quantitativos para a atribuição do acento. Sabe-se que o latim clássico seguia uma regra pautada na duração (peso) da penúltima sílaba: sendo esta longa (pesada), retém o acento; sendo breve (leve), o acento se desloca para a antepenúltima sílaba da palavra. Pereira (1999) registra que em português, as palavras nativas também apresentam esta tendência: “não há acento na antepenúltima sílaba quando a penúltima é pesada. Embora essa restrição possa ser violada, principalmente em se tratando de nomes estrangeiros, como *Jefferson* ou *Washington*”, não deixa de ser um importante dado de generalização que se manteve no português. Porém a quantidade de palavras que embora terminem em sílaba pesada não atraem o acento para última sílaba serve de argumento contrário a assunção do peso no PB. Podemos perceber que embora pareça atuar na maioria das palavras dessa língua, o peso não atua de forma regular e sistemática como atuava no latim. Haja vista a necessidade de postulação de consoante subjacente pesando sílaba leve, e da extrametricidade atuando sobre paroxítonas terminadas em sílaba pesada para adequar a análise quantitativa ao fenômeno acentual do PB. Embora esses recursos sejam aplicados sobre as exceções à regra *default*, são imprescindíveis para adequar tais palavras à análise quantitativa proposta. Segundo Hayes (1995), “nas línguas onde o peso atua como determinante toda sílaba pesada atrai acento”, o que não acontece no PB. Apresentando argumentos contrários à assunção do peso como determinante no PB, Pereira (1999) registra que nessa língua,

“(…) não existe relação direta entre a estrutura silábica e o acento, uma vez que: i) numa forma nominal com desinência, a penúltima sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja; ii) numa forma nominal sem desinência, a última sílaba tem a mesma probabilidade de ser tônica, quer seja pesada, quer não o seja; iii) nas formas verbais, não é possível estabelecer qualquer relação entre estrutura silábica e acento.” (Pereira, 1999)

Esta relação direta entre estrutura silábica e acento, que inexiste no PB, dificulta a assunção quantitativa desta língua e motiva uma outra perspectiva de análise para o fenômeno. Como já dissemos, ao lado do peso atuava o ritmo no latim. O ritmo obviamente era marcado pela atribuição dos pés. Como sustentar uma análise para o PB nos moldes do latim, se já se constatou “uma importante mudança de ordem rítmica”²⁵ na transposição deste para o PB? Se o peso deixou de atuar de forma regular, o ritmo, porém, continua a favorecer a formação do troqueu, as palavras continuam sendo na sua maioria paroxítonas. Perdeu-se a regularidade do peso, e o ritmo também sofreu alterações, porém continua a predominar a sugestão forte/fraco (* .) para marcar as sílabas do PB, a partir da borda direita da palavra. Logo, uma proposta pautada no ritmo pode ser sustentada através da constatação do troqueu silábico como pé canônico nesta língua.

Por que o troqueu silábico? Porque a quantidade silábica que sustentava o troqueu moraico no latim se perdeu na passagem deste para o português. Quando o peso silábico determinar a formação do pé básico que caracteriza o ritmo da língua, considerando a sílaba ou a mora como determinante da posição da cabeça no pé, ter-se-á como resultado o troqueu moraico. Isso significa que toda sílaba pesada deve ocupar posição proeminente no pé, o que não acontece no PB de forma sistemática. A opção da língua pelo troqueu ou iambo se dá com relação à posição da cabeça no constituinte, ou em outras palavras, à relação de dominância entre os constituintes do pé, a escolha envolve dois valores: direita/esquerda. Tal opção resulta em duas possibilidades para os pés básicos das línguas: a formação de pés iampos com cabeça-final-dominância à direita (. x); e a formação de troqueus com cabeça-inicial-dominância à esquerda (x .), conforme já vimos no capítulo II. Da combinação desta escolha

²⁵ Para Massini-Cagliari (1999:17) uma mudança de origem rítmica, na passagem do latim clássico ao português-arcaico, e, deste, ao atual, afetou a regra de acento das palavras, gerando ora só paroxítonas e proparoxítonas, depois só oxítonas e paroxítonas, e posteriormente, os três tipos.

formando pé regular, se estiver na posição penúltima com relação a borda direita da palavra (*.); e irregular (*) se o pé formado não for o pé básico da língua, sendo acentuada a sílaba mais a direita do domínio acentual.

Constituem-se como totalmente irregulares na língua as proparoxítonas, que desencadeiam fenômenos de adequação ao cânone bastante interessantes como a síncope da penúltima sílaba, por exemplo. Para a literatura, a última sílaba dos vocábulos proparoxítonos é invisível à regra de acento. No entanto, o falante, no uso de sua gramática internalizada, realiza a adequação vocabular para o cânone da língua, porém através da síncope da penúltima sílaba, esta e não a última é apagada pelo falante nativo.

- (7) a. abóbo<ra> b. abóbora < abobra < abobrinha
(* .) (* .)

Ao realizar a síncope, exemplo (7b.), o falante “acerta” toda a palavra, tornando-a totalmente regular, visto que a última vogal do radical receberá asterisco através da informação rítmica. Tem-se então, o alinhamento do acento e a adequação ao padrão da língua através da interação de fatores rítmicos e morfológicos. Esta adequação não é alcançada de forma completa pela aplicação do recurso da extrametricidade, que ao atribuir (* .) ao que sobrou como domínio acentual, contempla apenas a informação rítmica, visto que o asterisco incidirá sobre a penúltima vogal do radical, não contemplando a informação morfológica.

Outro fenômeno de adequação é o reparo que ocorre quando a palavra é paroxítona e termina em sílaba pesada: homem => omi, jovem => jovi, falaram => falaru. Para Lee (2006), a exemplo do que ocorre com as proparoxítonas, este fenômeno ocorre para ajustar o acento de irregular para regular: “quando a última sílaba pesada não atrai acento, a palavra sofre redução, através de um fenômeno conhecido como Encurtamento Iâmbico (*Brevis Brevians*)”.

Outra leitura possível para o fenômeno seria de interpretá-lo como um traço do latim. *Breves Brevians* fala que os elementos fortes não podem ficar na posição fraca e o latim, como já dissemos, se pautava no peso das sílabas e no troqueu moraico para atribuir o acento. Logo, ao apagar a consoante final, o falante torna leve a sílaba átona, adequando a palavra ao cânone da língua.

1.3 QUANTO À CATEGORIA LEXICAL

Para buscarmos uma proposta alternativa de análise do acento no PB, precisamos saber o que sustenta a diferenciação da categoria lexical como determinante na atribuição do acento se eu posso ter a palavra como domínio acentual para verbos e não-verbos, de forma unificada. Sabemos que no lado lexical o acento tem função distintiva: fábricaN vs. fábricaV . Logo, para atribuir o acento é necessário saber a que categoria lexical a palavra pertence; no lado da fonologia, a última sílaba pesada atua de forma diferente em verbo e não-verbo: nos não-verbos ela atrai acento; o mesmo não ocorrendo nos verbos. Também a localização do acento se faz de forma diferente em verbos e não-verbos: nos nomes incide sobre a vogal do radical e nunca nas desinências; nos verbos a flexão poderá portar acento, sendo raras as formas rizotônicas. Então nos parece a regra de acento se apresentar como cega à categoria lexical na estrutura de superfície, uma vez que o troqueu incidirá sobre verbos e não-verbos, atribuindo o asterisco a penúltima sílaba da palavra; porém, a diferença lexical se faz presente na estrutura subjacente, onde atuam os fatores de informação morfológica. O domínio é o mesmo, a palavra, mas a aplicação das regras far-se-á de forma diferenciada segundo as especificidades de cada categoria, observando-se a estrutura morfológica de verbos e não-verbos. Como veremos na proposta a seguir, sobre os não-verbos fatores de informação rítmica terão preferência na atualização, sendo desencadeados pela presença do marcador de

palavra; enquanto que os fatores de informação morfológica atuarão de forma mais significativa sobre as formas verbais, sendo motivados segundo as desinências modotemporais recorrentes nessas formas.

2. PROPONDO ALTERNATIVA

Diante dos dados, parece-nos pertinente propor uma visão bidimensional do fenômeno acentual do PB, uma vez que as teorias pautadas em um único critério seja ele quantitativo, morfológico ou até mesmo rítmico, como sugerimos, deixa muitas lacunas, pois não dá conta, através de uma única motivação, de descrever com propriedade todas as palavras da língua. O custo maior de enxergar apenas o ritmo como determinante do acento, por exemplo, consiste em ter que classificar como irregularidades as oxítonas, que não podem ser assim consideradas, uma vez que fazem parte da gramática internalizada do falante, que as toma como referência para gerar palavras novas na língua. Uma visão bidimensional, porém, substanciada na interação de fatores possivelmente determinantes do acento, tais como, ritmo e morfologia, abarca um número maior de possibilidades de ocorrência do acento no PB, podendo prever e assim considerar gramaticais atualizações não previstas por uma visão unilateral do fenômeno.

Se formalizássemos em um quadro a interação dos fatores rítmicos e morfológicos, teríamos o fenômeno acentual do não-verbo no PB assim configurado:

Visão Bidimensional do Acento não-verbal no PB	RITMO	MORFOLOGIA	Grau de dominação dos fatores
oxítonas	-	+	1
paroxítonas (não-marcadas)	+	+	2
paroxítonas (marcadas)	+	-	1

proparoxítonas	-	-	0
----------------	---	---	---

De acordo com o quadro, o grau de dominação dos fatores aqui sugeridos para a atribuição do acento nos não-verbos do PB varia de 0 a 2, classificando com grau 2 de dominação e portanto totalmente regulares as paroxítonas não-marcadas; com grau 0 de dominação e portanto totalmente irregulares as proparoxítonas; com grau 1 de dominação, sendo descritas apenas pelo critério morfológico e portanto parcialmente regulares as oxítonas; e também com grau 1 de dominação, parcialmente regulares as paroxítonas marcadas, que serão descritas pelo critério rítmico.

Através da interação de fatores proposta na visão bidimensional do fenômeno acentual do PB é possível colocar no quadro das regularidades do PB, as oxítonas, visto que a sua acentuação se justifica morfológicamente. Talvez seja esta a diferença que justifique o fato de o PB formar palavras novas oxítonas, mas não proparoxítonas: o grau de regularidade. Se compararmos a possibilidade de o falante gerar palavras oxítonas ou proparoxítonas, veremos que as oxítonas são muito freqüentes como atualização da gramática internalizada do falante, porque atendem ao critério morfológico na atribuição do acento. Em contra partida as proparoxítonas, totalmente irregulares, pois não se encontram em nenhum dos critérios acima sugeridos, não são geradas pelo falante, ainda que em palavras derivadas ou criadas a partir de radicais de palavras estrangeiras.

Trabalhando com a hipótese de uma visão bidimensional do acento no verbo do PB, temos o seguinte quadro, onde interagem o ritmo e a morfologia.

Visão Bidimensional do Acento Verbal no PB	RITMO	MORFOLOGIA
<u>Pretérito</u> a. falei, falou, parti, vendi b. falaram, falava, falasse c. falávamos, falássemos	Alternando as três últimas sílabas	Sílaba tônica = vogal temática
<u>Futuro do Pret. e do Pres.</u> falaria, falaríamos, falarei, falará, falaríamos, falarão	Alternando as três últimas sílabas	Primeira sílaba do morfema é acentuada
<u>Presente</u> fale, fales, falemos, falem falo, falas, falamos, falam	O acento cai na penúltima sílaba	

Como podemos ver no quadro, a morfologia atua de forma mais significativa nas formas do pretérito e do futuro, enquanto as formas do presente podem ser descritas pelo critério rítmico, uma vez que a penúltima sílaba é que se constituirá como portadora do acento.

A proposta que a seguir apresentaremos busca pautar-se pela interação de fatores rítmicos e morfológicos para a atribuição do acento primário no PB. De posse das análises levantadas nos capítulos anteriores, buscamos sintetizar o que as várias teorias nos oferecem como recurso e justificar o acento no PB de forma objetiva e econômica. O modelo teórico utilizado tem como formalização o gráfico de grades com constituintes, proposto por Halle e Vergnaud (1987), utilizado por Bisol (1992), Massini-Cagliari (1999) e Lee (1995).

2.1 PROPOSTA RÍTMICO-MORFOLÓGICA DE ATRIBUIÇÃO DO ACENTO NO PB (NÃO-VERBO)

Ao assumir a interação de fatores rítmicos e morfológicos para a atribuição de acento no PB é preciso buscar respostas quanto à motivação da escolha desses parâmetros. A regra de acento no PB obedece a certos critérios de ordem rítmica, morfológica, quantitativa, lexical, enfim, é

preciso destacar aqueles que se apresentam de forma mais imperativa, embora não de forma exclusiva. Façamo-lo, no quadro que se segue:

Motivação de escolha de parâmetros acentuais para o não-verbo:

Casos não-marcados

- a. Marcador de palavra presente → informação rítmica
- b. Marcador de palavra ausente → informação morfológica

Casos marcados

- c. Marcador de palavra ausente → aplica-se troqueu silábico (informação rítmica)
- d. Presença/ausência do marcador de palavra → aplica-se troqueu silábico (informação lexical)

Motivação de escolha de parâmetros		
INFORMAÇÃO MORFOLÓGICA	INFORMAÇÃO RÍTMICA	INFORMAÇÃO LEXICAL
Estrutura subjacente	Estrutura de superfície	[+Ex (sil)]
café] (*) Motivação (b)	bola] (* .) Motivação(a)	lâmpa<da> abóbo<ra> /abobra (* .) (* .) (* .) (d)
coronel] (*) Motivação (b)	túnel] jovem/jove (* .) (* .) (* .) (c)	Lúci<fer> (* .) (d)

O quadro acima mostra a motivação das escolhas paramétricas para a atribuição do acento no PB. As oxítonas encontram motivação em (b) e fazem a descrição a partir da ausência do marcador de palavra²⁸, quer seja a sílaba final leve quer seja pesada; as proparoxítonas, após

²⁸ Para o professor Marco Antonio de Oliveira a classificação das palavras a partir da aceitação do sufixo avaliativo ou z-avaliativo é problemática uma vez que palavras como coronel fazem o diminutivo coronelinho ou coronelzinho; palavras como menina fazem o diminutivo meninazinha ou menininha, a critério do falante. Porém, insistimos em utilizar o sufixo z-avaliativo nesta proposta para identificar/diferenciar vogal do radical e marcador de palavra, uma vez que os dados do PB mostram que embora haja variação inho/zinho para as palavras terminadas em consoante (coronel) ou terminadas em marcador de palavra (menina), a palavras

passarem pela informação lexical [+Ex (sil)] submetem-se a ao troqueu silábico, esteja o marcador de palavra presente ou ausente, seja a última sílaba leve seja pesada, tais palavras podem sujeitar-se a síncope da penúltima sílaba; as paroxítonas não-marcadas encontram motivação em (a), fazendo a descrição a partir da presença do marcador de palavra, e, por serem totalmente regulares, atendem também, à informação morfológica que atribui asterisco a última vogal do radical; porém, as paroxítonas terminadas em consoante ou ditongo, descritas através da informação rítmica, não satisfazem a condição de presença/ausência do marcador de palavra, pois embora apresentem na sua estrutura a ausência desse marcador, não podem ser motivadas por (b), que atribuiria asterisco a última vogal do radical, não encontrando ambiente de realização. Esse comportamento diferenciado justifica a classificação dessas paroxítonas como casos marcados, classificação esta já existente na literatura, neste caso, aplica-se o troqueu silábico, ficando a palavra sujeita a *Brevis Brevisans*.

O quadro também mostra a importância de se diferenciar estrutura subjacente e estrutura de superfície. Enquanto a informação rítmica atribui asterisco enxergando a palavra como um todo, vista na sua estrutura de superfície, tomando como referente a sílaba; a informação morfológica considera relevantes os constituintes morfológicos da palavra, tomando como referência a presença da vogal do radical. O domínio acentual é o mesmo: a palavra. Porém, a preferência dos fatores determinará o acento.

Resumindo, para atribuir o acento do não-verbo no PB:

- i) cheque o marcador de palavra
- ii) marcador de palavra presente, aplica-se o troqueu silábico (atendendo também ao critério morfológico)

terminadas em vogal do radical optam invariavelmente pelo sufixo –zinho (pataxó, araquá, café) sendo este um importante dado de generalização.

- iii) marcador de palavra ausente, aplica-se *ou* o troqueu silábico *ou* o critério morfológico (acento na última do radical)
- iv) marcador de palavra ausente, aplicando-se o troqueu silábico, sujeita-se a *Brevis Brevians*
- v) presença/ausência do marcador de palavra, com extrametricidade, pode ocorrer a síncope

Feitas as considerações acima, podemos explicitar as regras de atribuição do acento do não-verbo.

(1) Regra de atribuição de acento primário no PB (não-verbos)

Domínio acentual: a palavra

Paroxítonas e Proparoxítonas (informação rítmica)

- a. Forme constituinte binário (não-iterativamente) do tipo forte/fraco (pé canônico) junto à borda direita do domínio acentual (* .)

Oxítonas (informação morfológica)

- b. Atribua asterisco (não-iterativamente) à última vogal do radical, formando pé irregular (*).

(2) Extrametricidade

A extrametricidade incidirá sobre as proparoxítonas na entrada lexical, aplicando-se o troqueu silábico após a exclusão da última sílaba. Assim, mantém-se o ritmo, o pé e a direção inalterados.

Por meio de (1) tem-se (* .) para 1a (paroxítonas terminadas em marcador de palavra, paroxítonas terminadas em consoante ou ditongo e todas as proparoxítonas) e (*) para 1 b

(palavras que apresentam vogal do radical em posição final tônica) - . Dessa forma, tem-se como pé canônico o troqueu silábico (* .) em alternância com o pé irregular (*).

Aplicação da regra rítmico-morfológica nos não-verbos do PB:

(3) Oxítonas

a. ananás	b. herói	c. maracujá
(*)	(*)	(*)
mulher	escarcéu	faraó
(*)	(*)	(*)
cascavel	sabão	chaminé
(*)	(*)	(*)
arroz		abacaxi
(*)		(*)
funil		
(*)		

Em (3) podemos perceber que o troqueu regular não é mantido, o ritmo forte/fraco a partir da borda direita da palavra não se configura, uma vez que o acento encontra pouso logo na primeira sílaba da direita (última sílaba da palavra). O asterisco atribuído a esta sílaba final, formando pé irregular será recorrente desde que a última vogal da palavra seja também a última vogal tônica do radical derivacional, o que pode ser confirmado através do sufixo z-avaliativo (zinho). Tal abordagem dá conta do acento gramaticalmente previsível, ou seja, sílaba final pesada atrai acento nos não-verbos, dando conta também, das oxítonas terminadas em vogal, sem a utilização do recurso da *Catalaxis*.

Em (4) podemos perceber o critério rítmico agindo juntamente com o critério morfológico.

(4) - **Paroxítonas** (terminadas em marcador de palavra)

a. escada	b. macio	c. pele
(* .)	(* .)	(* .)

cadeira	diabo	grande
(* .)	(* .)	(* .)
bola	pedaço	verde
(* .)	(* .)	(* .)

As paroxítonas terminadas em marcador de palavra satisfazem aos dois critérios propostos pela visão bidimensional do fenômeno acentual: a) satisfazem ao ritmo – uma vez que a atribuição do acento faz-se da direita para esquerda, de forma não iterativa, tendo como local de pouso a penúltima vogal núcleo de sílaba, adequando-se a descrição (* .), o troque regular encontra-se claramente caracterizado; b) atende também ao critério morfológico – uma vez que a última vogal da palavra, por não ser também a última vogal do radical derivacional, e sim marcador de palavra, não será pouso para o acento, como atesta a literatura. Assim, o marcador de palavra não receberá o asterisco, que incidirá sobre a vogal que imediatamente o precede, ou seja, incidirá sobre a vogal do radical.

Quanto às paroxítonas (não-verbo) marcadas, o ritmo e a posição do pé serão mantidos, porém, o critério morfológico não encontrará contexto de realização:

(5)- Paroxítonas (casos marcados)

a. útil	b. órfão
(* .)	(* .)
âmbar	trólei
(* .)	(* .)
cútis	
(* .)	
fórum	
(* .)	

Tais palavras quando submetidas à visão bidimensional atendem ao critério de ritmo, adequando-se à descrição (* .) a exemplo das paroxítonas terminadas em marcador de palavra; a posição do pé mantém-se inalterada, uma vez que o troque regular, pé canônico da

língua, encontra-se claramente descrito; porém o sufixo z-avaliativo (zinho) encontra contexto de aplicação, o que teoricamente, favoreceria a marcação do asterisco na última vogal da palavra, que é a vogal do radical.

(6) órfão – (-zinho) *(-inho)

(* .)

A essas palavras, já consideradas como marcadas pela literatura, a atribuição do acento se dá de forma parcialmente regular, uma vez que atende a um dos critérios propostos, o critério de ritmo, mas não contempla a interação desses critérios como nos casos não marcados. Analisá-las como parcialmente regulares, dispensa a utilização do mecanismo da extrametricidade, uma vez que o troqueu, pé canônico no PB, é mantido através da descrição (* .).²⁹

Quanto às proparoxítonas, já atestadas pela literatura como totalmente irregulares, portadoras de sílaba final invisível à regra de acento, essas não podem ser descritas pela interação de fatores rítmicos e morfológicos, aqui sugerida, sem que se faça no léxico uma marcação especial:

(7)- Proparoxítonas (casos marcados na entrada lexical como [+Ex (sil)])

a. súpli<ca>	b. álco	álco<ois>
(* .)	(* .)	(* .)
cáli<ce>	Lúci<fer>	Lucífe<res>
(* .)	(* .)	(* .)
estôma<go>	Júpi<ter>	Jupíte<res>
(* .)	(* .)	(* .)
áspe<ro>	sêni<or>	seniores
(* .)	(* .)	(* .)
vácu<o>	Júni<or>	Juniores
(* .)	(* .)	(* .)

²⁹ Como já discutimos no início deste capítulo, na seção 1.2, palavras como “jovem” e “homem” por não se adequarem a regra *default* de acentuação, sofrem redução da consoante final, realizando-se como “jove” e “omi” o que nos leva a postular que marcador de palavra ausente, aplicando-se troqueu silábico, sujeita-se a *Breviis Brevians*.

Porém, os não-verbos proparoxítonos, como já dissemos, encontram-se classificados pela literatura como sendo formas totalmente irregulares. Além de o falante nativo não gerar palavras novas proparoxítonas, há uma forte tendência de tornar paroxítonos tais vocábulos através da síncope da penúltima sílaba, como forma de ajustar o acento marcado (proparoxítono) para o não-marcado (paroxítono), criando um ambiente propício para a atribuição da informação rítmica, conforme demonstramos no capítulo IV seção 1.2.

(8) a. fósforo > /'fosfru/

Fósfo<ro> fosfro
 (* .) (* .)

b. abóbora > /a'bobra/

abobo<ra> abobra
 (* .) (* .)

Esta tendência a regularizar as proparoxítonas ao cânone da língua só tem a reforçar nossa teoria de motivação rítmica para a atribuição do acento no PB.

2.2 PROPOSTA RÍTMICO-MORFOLÓGICA DE ATRIBUIÇÃO DO ACENTO NO PB (VERBO)

Os verbos diferenciam-se claramente dos não-verbos seja quanto a sua estrutura seja quanto ao seu comportamento paradigmático. Diferentemente dos não-verbos, nos verbos o peso da sílaba final não determina o acento. Outro diferencial consiste no fato de que enquanto o acento do não-verbo proparoxítono é totalmente irregular, uma vez que não pode ser gramaticalmente previsto, como vimos no capítulo anterior, os verbos proparoxítonos não são marcados, visto que o acento é determinado pela gramática e o morfema envolvido é sempre o de 1ª p.p.

(1) a.fálam, falámos, faláram

b.falásse<mos>, falaría<mos>, faláva<mos>

Outro dado interessante é o local de pouso do acento dos verbos. Enquanto o não-verbo tem como preferência para portar o acento a última vogal do radical, no verbo cai na primeira vogal não final logo após o radical, ou seja, vogal temática, podendo cair também na vogal do radical ou nas flexões. Coincidentemente, temos a penúltima sílaba como preferência para portar o acento, tanto para verbos quanto para não-verbos, mantendo o troqueu como pé canônico também para os verbos.

(2) fálo, fála, falámos, fálam, fále, falemos

Lee (2006) explica a ocorrência do acento nas formas do pretérito estendendo a idéia de *Paradigmatic Uniformity* (PU) proposta por Harris (1973), segundo a qual há uma tendência forte para um paradigma ser uniforme, isso porque nas formas verbais de tempo pretérito, o acento sempre cai na vogal temática.

(3) falei, falou, falaram, falava, falasse, falávamos

Outra manifestação do paradigma verbal determinando o acento ocorre nos tempos do futuro: a primeira sílaba do morfema será sempre acentuada.

(4) falaria, falaríamos, falarei, falará, falaríamos, falarão

A partir dessa manifestação tão regular temos a interação rítmico-morfológica: nas formas de Pretérito, alternando entre as três últimas sílabas, teremos sempre como sílaba tônica aquela que porte como núcleo a vogal temática (VT); nas formas de Futuro, também alternando entre as três últimas sílabas, teremos sempre como tônica a primeira sílaba do morfema modo temporal; nas formas do Presente, o acento sempre cai na penúltima sílaba, deixando evidenciados fatores puramente rítmicos. (ver quadro capítulo IV seção 2).

Resumindo, para a atribuição do acento nas formas verbais

- i) cheque o paradigma verbal (flexão)
- ii) formas de presente aplique o troqueu silábico (* .)
- iii) formas de pretérito asterisco na VT
- iv) formas de futuro asterisco na primeira sílaba do morfema modo-temporal
- v) a extrametricidade ocorrerá apenas em presença do morfema de 1.p.p

Feitas as considerações acima, tem-se a regra de atribuição do verbo no PB assim formalizada:

(5) Regra de atribuição de acento primário no PB (verbos)

Domínio acentual: a palavra

Atuação de fatores morfológicos

Pretérito: o asterisco incidirá sobre a VT

Futuro do Pretérito e Futuro do Presente: o asterisco incidirá sobre a primeira sílaba do morfema modo temporal

Atuação de fatores rítmicos

Presente: o asterisco incidirá sobre a penúltima sílaba da palavra (troqueu silábico)

A partir da localização do paradigma que irá determinar a colocação do asterisco na forma verbal em questão, aplicar-se-á o troqueu (* .) ou o pé irregular (*), observando-se a borda direita da palavra, de forma não-iterativa.

Aplicação da Regra de atribuição de acento no PB em verbos:

Verbo FALAR
INDICATIVO

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito mais- que- perfeito
Falo (* .)	Falei (*)	Falava (* .)	Falara (* .)
Falas (* .)	Falaste (* .)	Falavas (* .)	Falaras (* .)
Fala (* .)	Falou (*)	Falava (* .)	Falara (* .)
Falamos (* .)	Falamos (* .)	Faláva<mos> (* .)	Falára<mos> (* .)
Falais (*)	Falastes (* .)	Faláveis (* .)	Faláreis (* .)
Falam (* .)	Falaram (* .)	Falavam (* .)	Falaram (* .)

SUBJUNTIVO

Presente	Futuro	Pret. Imperfeito
Fale (* .)	Falar (*)	Falasse (* .)
Fales (* .)	Falares (* .)	Falasses (* .)
Fale (* .)	Falar (*)	Falasse (* .)
Falemos (* .)	Falarmos (* .)	Falásse<mos> (* .)
Faleis (*)	Falardes (* .)	Falásseis (* .)
Falem (* .)	Falarem (* .)	Falassem (* .)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	- Falar (*)
Gerúndio	- Falando (* .)
Particípio	- Falado (* .)

DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL

Futuro do Presente do Indicativo

Falarei (*)
Falarás (*)
Falará (*)
Falaremos (* .)
Falareis (*)
Falarão (*)

Futuro do Pretérito do Indicativo

Falaria (*.)
Falarias (*.)
Falaria (*.)
Falaria<mos> (* .)
Falaríeis (*.)
Falariam (* .)

Nos verbos a tonicidade raramente incide sobre o radical, sendo poucas as formas rizotônicas. Geralmente, será pouso de acento a primeira vogal após o radical, ou seja, a vogal temática, sendo o acento claramente motivado por informações morfológicas e paradigmáticas, sendo por isso previsíveis gramaticalmente. Porém essas diferenças estruturais entre verbo e não-verbo que se consolidam na estrutura subjacente, se desfazem na estrutura de superfície, onde formas nominais e formas verbais mostram-se perfeitamente descritas pela informação (* .) que caracteriza o ritmo canônico da língua.

3. DISCUTINDO OS RESULTADOS

a) VANTAGENS DA PROPOSTA

- (i) Não é necessária a inserção de consoante subjacente “pesando” sílaba leve (Bisol 1992); tampouco considerar bimoraica vogal final de palavras como *café* (Massini-Cagliari 1999);
- (ii) Não é necessário alternar a forma do pé, (ora esquerda ora direita) tampouco admitir ritmos diferentes alternando-se dentro do sistema (ora troqueu ora iambo) (Lee 1995);
- (iii) Não é necessário separar os vocábulos em primitivos e derivados (Pereira 1999) (Massini-Cagliari 1999)
- (iv) As oxítonas são tratadas como casos não marcados
- (v) Uso restrito da extrametricidade

b) DESVANTAGENS DA PROPOSTA

- (i) Precisa admitir o pé irregular (*)
- (ii) Marca na entrada lexical a sílaba final das proparoxítonas (verbo e não-verbo) como extramétrica

c) ORIGINALIDADE DA PROPOSTA

- (i) Trata-se de uma análise descritiva do fenômeno acentual do PB;
- (ii) Utiliza a forma do pé (troqueu) como elemento norteador da projeção do acento no gráfico de parênteses e constituintes;
- (iii) Propõe a interpretação do fenômeno acentual de verbos e não-verbos como resultado da interação de fatores rítmicos e morfológicos.

A maior contribuição dessa pesquisa diz respeito à economia de parâmetros alcançada através da formulação de regras para a atribuição do acento tendo por fator direcionador o ritmo canônico da língua. Sua base teórica encontra subsídio em propostas presentes na literatura e, portanto, dadas como verdade. A inovação aqui diz respeito à descrição desse fenômeno considerando como mote a atualização do troqueu silábico, evidenciado no gráfico de grades e constituintes. A vogal do radical dos não-verbos, já considerada pela literatura como local mais provável para o pouso do acento, norteará a atribuição do asterisco, sendo a identificação

da presença/ausência do marcador de palavra o primeiro passo para a ativação de regras de informação rítmica ou morfológica, respectivamente. A assunção de dois domínios diferentes para a atribuição do acento de verbos e não-verbos faz-se desnecessária: o domínio é o mesmo, porém a estrutura morfológica vai diferenciar a aplicação das regras, determinando a preferência dos fatores que irão determinar o acento. Essa interação de fatores também se caracteriza como nova verdade, sendo sua base teórica respaldada nas propostas já presentes na literatura e, portanto, verdades garantidas. O que se tem aqui é a superposição de diferentes propostas, culminando numa nova perspectiva de análise do fenômeno acentual do PB.

O verbo tem recebido tratamento menos divergente: tem-se a palavra como domínio acentual para as formas verbais nas quatro propostas analisadas. A diferença está em considerar ou não considerar o peso como fator determinante na regra de atribuição do acento nas formas verbais. Nessa proposta, que também assume a palavra como domínio acentual para os verbos, toma-se como irrelevante o peso e aposta-se na morfologia em interação com fatores de informação rítmica para acionar a regra de acento. Aqui aproveitamos o que a literatura já havia colocado como verdade: o acento verbal é paradigmático sendo atribuído segundo as flexões previstas para cada forma - apenas nos posicionamos assumindo morfologia e ritmo como determinantes do acento dessas formas, que neste caso, sofrem maior influência morfológica que rítmica.

Tem-se aí configurada a interação de fatores rítmico-morfológicos alcançando economia e simplicidade uma vez que o tratamento dado a verbos e não-verbos tem como direcionador o mesmo mote: a estrutura subjacente da palavra.

CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo uma abordagem das diversas interpretações para o fenômeno do acento no Português do Brasil, dentro da Teoria Métrica, tendo por base dados extraídos da literatura, através das bibliografias citadas. Os trabalhos analisados possibilitaram uma nova perspectiva de leitura e muito contribuíram para elucidar o fenômeno do acento no PB. Possibilitaram também a apresentação de uma nova proposta de leitura, mesclando as diferentes possibilidades de análise.

A proposta de análise apresentada parte da constatação de que verbo e não-verbo carecem de tratamento diferenciado. Concluímos que uma abordagem que leva em conta a categoria lexical consegue descrever melhor o fenômeno acentual porque a partir dessa assunção têm-se a estrutura da palavra como determinante da regra de acento, o que resulta em economia de parâmetros. A postulação de consoante abstrata faz-se desnecessária, ao se considerar a última vogal do radical como local de pouso de acento para os não-verbos oxítonos; por outro lado, tem-se a presença do marcador de palavra desencadeando regra de informação rítmica para tratar das paroxítonas; assim, oxítonas e paroxítonas não-marcadas têm o acento gramaticalmente previsível a partir da estrutura da palavra, ou seja, presença/ausência do marcador de palavra. Para tratar os casos marcados, temos o troqueu silábico – aplicado nas paroxítonas que não terminam em marcador de palavra e também nas proparoxítonas após a informação lexical de sílaba final extramétrica. A extrametricidade pode ter seu uso mais restrito, uma vez que incidirá apenas sobre a última sílaba de verbos e não-verbos proparoxítonos. Nos verbos, será condicionada morfológicamente, incidindo sobre o morfema

(-mos), que na superfície é a última sílaba das formas verbais proparoxítonas, ou seja, incide da mesma forma em verbos e não-verbos proparoxítonos, que já são marcados no léxico como portadores de sílaba final extramétrica. A assunção do troqueu silábico como pé básico do PB precisa alternar entre (* .) e (*), porém esta ainda é a melhor forma de se analisar o ritmo do PB, pois se assumíssemos o iambo, seríamos forçados a considerar pés trocaicos em alguns contextos, o que também não constituiria uma leitura homogênea. A ciclicidade também recebeu interpretações diversas, assumiremos, porém, que o acento nesta língua é um fenômeno não-cíclico, aplicando-se uma só vez, após a palavra pronta, em verbos e não-verbos. No caso de não-verbos derivados, o acento aplica-se na última vogal do radical derivacional, nos não-verbos de radical simples, aplica-se sobre a última vogal do radical. Nossa proposta de visão bidimensional do acento é simples e econômica, e traz para a discussão uma importante questão: o que determina a interação de fatores rítmicos e morfológicos, e como se dá a escolha ora de um e ora de outro fator na atuação do acento no PB? Através dos dados do PB, assumimos que a escolha paramétrica dos fatores rítmicos ou morfológicos nos não-verbos está diretamente condicionada a presença/ausência do marcador de palavra. Sendo esta assunção uma contribuição importante para estudos futuros. Reconhecemos ser nossa análise portadora de vantagens e desvantagens, porém constitui-se de uma nova maneira de olhar o fenômeno acentual do PB, a partir dos olhares já existentes na literatura.

Através da proposta apresentada, pode-se chegar às seguintes assunções:

- (i) uma análise descritiva de acento no PB deve contemplar as diferenças estruturais peculiares a verbos e não-verbos.

- (ii) as diferenças estruturais postuladas em (i) não desencadeiam domínios diferentes para a aplicação do acento: para verbos e não-verbos o domínio é o mesmo – a palavra.
- (iii) As diferenças estruturais postuladas em (i) desencadeiam informações diferentes para a aplicação das regras: a) nas formas nominais a presença do marcador de palavra desencadeará regra de informação rítmica; a ausência do marcador de palavra desencadeará regra de informação morfológica; b) nas formas verbais a flexão desencadeará a regra de acento: nas formas de presente aplica-se o troqueu silábico; nas formas de pretérito e de futuro a informação é morfológica.
- (iv) a extrametricidade atua da mesma forma sobre verbos e não-verbos proparoxítonos na estrutura de superfície.
- (v) o acento oxítono do não-verbo pode ser tratado como caso não-marcado, dispensando a postulação de consoante abstrata.
- (vi) nas formas verbais não existem casos marcados uma vez que o acento é paradigmático.
- (vii) o troqueu silábico é o pé canônico do PB, atualizando-se de forma irregular (* .) (*).
- (viii) o valor fonológico do peso silábico não é relevante nesta língua, sendo o acento condicionado pela interação de fatores rítmicos e morfológicos.

Tais assunções fazem-se necessárias a fim de que se obtenha uma gramática descritiva que dê conta da ocorrência do fenômeno acentual no PB, considerando suas regularidades e irregularidades características de uma língua de formação heterogênea. Dentro deste enorme campo de possibilidades que o fenômeno acentual oferece em termos de interpretações e

abordagens, trata-se de uma nova perspectiva. As controvérsias persistirão, pois o campo é fértil e os estudos não se esgotam aqui.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Daniel. *Variations orthographiques, temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise: une approche phono-cognitive*. Thèse de Doctorat Nouveau Régime. Université de Paris VIII, 1993.

BISOL, Leda. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 1996.

_____. *O Acento: duas alternativas de análise*. UFRGS/PUCRS. Texto não publicado, 1992.

_____. *O Troqueu Silábico no Sistema Fonológico* (um adendo ao artigo de Plínio Barbosa) – D.E.L.T.A . Vol. 16, nº 2.2000 (403-413)

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Acento em Português*. SP : Campinas, 1999.

_____. *Considerações sobre a métrica e o acento*. (s.d.) Mimeografado.

_____. *Alguns aspectos de um estudo sobre acento*. UNICAMP – IEL- 1993. Mimeografado.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática: referente a língua portuguesa*, 1968.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis:Vozes, 1973.

CHOMSKY, Noam and HALLE, Morris. *The sound patterns of English*. New York: Harper and Row, 1968.

D'ANDRADE, Ernesto; LAKS, Bernard. *Na crista da onda: O acento de palavra em português*. Universidade de Lisboa. CNRS. (s.d.) Mimeografado.

DUARTE, Yara C.M. de Ávila. *As regras de atribuição do acento primário em língua portuguesa*. Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 1977.

GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell publishers, 1995.

HALLE, M.; VERGNAUD, J.R. *An essay on stress*. Cambridge, Mass. MIT Press, 1987.

HAMMOND, M. *Constraining Metrical Theory: A modular theory of rhythm and distressing*. Doctoral Dissertation. UCLA, Los Angeles. Distributed by Indiana University Linguistics Club, 1984.

HARAGUCHI, S. *A theory of stress and accent*. Holland, Foris, 1991.

HARRIS, James W. *How different is verb stress in spanish?* MIT. Probus 1.3:241-258.

HAYES, B. *A metrical theory of stress rules*. Tese de doutorado. MIT, 1980.

_____. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago University Press. Chicago, 1995.

IDSARDI, William. *The Computation of Prosody*. Dissertação de doutoramento. Cambridge, Massachusetts:MIT, 1992.

KAGER, René. *The metrical theory of word stress*. In: Goldsmith, J. A. (ed.), *The hand book of phonological theory*. Cambridge, Ma/Oxford: Blackwell,367-402. 1995.

KENSTOWICZ, Michael *Phonology in Generative Grammar*. Blackwell Publisher, Cambridge. Ch.10, 1994.

LEE, Seung- Hwa . *Fonologia Lexical do Português*. in. Cad. Est. Ling., Campinas, (23): 103-120, Jul./Dez. 1992.

_____. *A regra do acento do português: outra alternativa*. In. Letras de Hoje. Porto Alegre. V. 29, nº4,p 37-42, dezembro 1994.

_____. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil* - Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - (agosto de 1995).

_____. *O acento Primário no Português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade*. UFMG - 2006. (Texto não publicado)

LÉLLIS, Raul Moreira. *Português no Colégio*. SP: Companhia Editora Nacional, 1970.

LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. Doctoral Dissertation. Departament of Linguistics, MIT, Cambridge, MA, 1975.

LIBERMAN, M. & A. S. Prince. *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry 8: 249-336. 1977.

LÜDTKE, Helmut. *Fonemática portuguesa II:vocalismo*. In: Boletim de Filologia, 14. P.197-217. 1953.

MAGALHÃES, J.S. *O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado. PUCRS, 2004.

MAIA, Eleonora da Motta. *Phonological and Lexical Processes in a Generative Grammar of Portuguese*. Brown University. Tese de Doutorado, 1981.

MAJOR, Roy C. *Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese*. Washington State University. 1984.

MASSINI – CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento. São Paulo. Cultura Acadêmica Editora, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira. *O Acento de Palavra em Português: uma nova proposta*. Boletim de Filologia, 28. p 211-228. 1983.

NESPOR, Marina & Irene VOGEL. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PEREIRA, Maria Isabel Pires. *O acento da palavra em português: uma análise métrica*. Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999.

PRINCE, A. *Relating to the grid*. Linguistic Inquiry, 14, 20-99, 1983.

SELKIRK, E. The role of prosodic categories in English word stress. Linguistic Inquiry 11, 563-605, 1980.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2001.

WETZELS, W. Leo. *Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental*. In Cad. Est. Ling., Campinas, (21): 25-58, Jul/Dez., 1991.

VISCH, Ellis. *A metrical theory of rhythmic stress phenomena*. Dordrecht: Foris Publications, 1990.